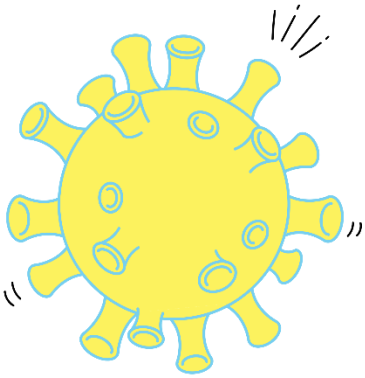
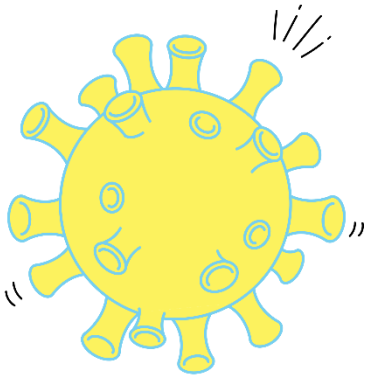
HISTÓRIAS E VIVÊNCIAS EM TEMPO DE PANDEMIA

UMA HISTÓRIA VIRAL

TEXTOS E ILUSTRAÇÕES POR ALUNOS
DAS ESCOLAS DO CONCELHO DE ODIVELAS

Odivelas
CÂMARA MUNICIPAL





Prefácio

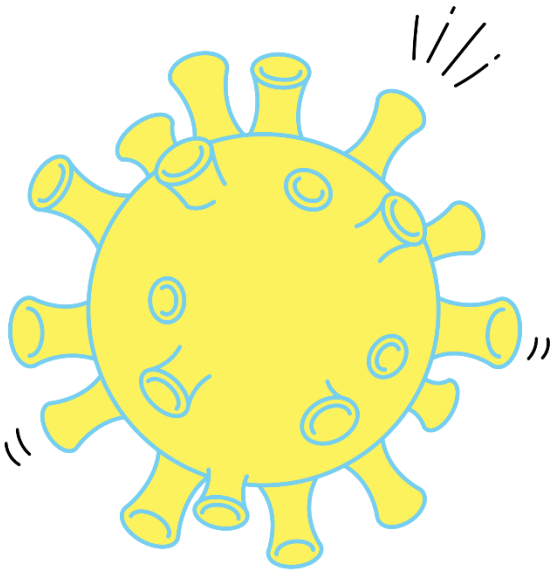
A Câmara Municipal de Odivelas, tem primado desde sempre na sua linha de ação, por estabelecer um contacto de proximidade com as instituições e forças vivas do concelho, destacando-se de modo muito particular a relação com os estabelecimentos de ensino, valorizando a realização de atividades e projetos com a comunidade educativa e tendo em consideração o papel fundamental das escolas no desenvolvimento cívico e humano das nossas crianças.

Como forma de aprofundar uma melhor compreensão e reflexão, sobre o impacto da crise pandémica que atingiu todos os setores e áreas de intervenção social, sem exceção, a Divisão de Cultura e Turismo promoveu esta iniciativa pedagógica, procurando desafiar o espirito critico e toda desenvoltura no domínio da cognição, para nos permitir através do olhar, sempre tão atento e perspicaz dos nossos jovens, obter um registo único e autêntico desta nova realidade que nos impôs enormes desafios individuais, mas também a capacidade de resiliência e a necessária força de superação coletiva, no desejo e na firma esperança da construção de um futuro melhor, pensando em primeira instância, no bem-estar das gerações vindouras.

“Uma História Viral” é o titulo desta obra que hoje temos o privilégio de apresentar em formato digital, tendo merecido a participação e o contributo de muitos jovens alunos e professores, provenientes de diversas escolas de Odivelas, e que em conjunto deram corpo e enriqueceram esta emblemática ilustração didática, um verdadeiro e distinto testemunho que tão bem nos retrata a história do momento atual.

Edgar S. Valles

Vereador da Cultura da Câmara Municipal de Odivelas



Texto: Turma 1ºB, Escola Básica Mello Falcão

Beatriz Ramos: ***Coronavírus quero dizer-te*** *que desde que chegaste a nossa vida mudou, não gosto de ti. Quando vais embora? Queremos voltar a brincar, correr e estar com quem gostamos.*

Carlota Chambel: ***Coronavírus quero dizer-te*** *és muito mau- Não me deixas estar com a minha professora e amigos. Sai da terra por favor, vai para outro lado.*

David Rodrigues: ***Coronavírus quero dizer-te*** *que te vou mandar para outro planeta.*

Elaine Lázaro: ***Coronavírus quero dizer-te*** *para ires embora.*

Enzo Garcia: ***Coronavírus quero dizer-te*** *que és um vírus muito mau. Não te queremos no nosso planeta porque só fazes mal às pessoas, vai-te embora que já estamos fartos de ti.*

Gabriel Fernandes: ***Coronavírus quero dizer-te*** *porque és tão mau para as pessoas? És feio, vai-te embora.*

Inês Albino: ***Coronavírus quero dizer-te que*** *não há lugar para ti no planeta Terra.*

João Teixeira: ***Coronavírus quero dizer-te*** *vai-te embora.*

Luís Alves: ***Coronavírus quero dizer-te*** *para ires embora porque já magoas-te muitas pessoas. Eu quero voltar a brincar com os meus amigos na minha escola Mello Facão que já tenho muitas saudades.*

Matilde Rodrigues: ***Coronavírus quero dizer-te que*** *és muito mau. Se eu tivesse um poder fazia-te desaparecer.*

Martim Cardoso: ***Coronavírus quero dizer-te*** *vai-te embora para toda a gente ficar bem.*

Rodrigo Amarante: ***Coronavírus quero dizer-te que*** *preciso que vás embora por favor. Eu preciso ver a minha família, os meus amigos e professores. Tenho muitas saudade s deles, quero abraçá-los, beijá-los e dar muito carinho. Eu planeei ir visitar o meu pai em França e os meus avós em Cabo Verde e já não posso ir.*

Rodrigo Machado: ***Coronavírus quero dizer-te*** *pira-te.*

Tiago Oliveira: ***Coronavírus quero dizer-te*** *para nos deixares em paz.*

Ilustração: Turma 1ºB, Escola Básica Mello Falcão

COVID-19

Desde o meu último testemunho passou um mês e onze dias.

Fiz um novo amigo chamado Dinis, brinco com ele de uma forma diferente, como brincava com os meus colegas da escola.

Continuo a realizar as tarefas da escola, parece que tenho mais trabalho do que fazia antigamente.

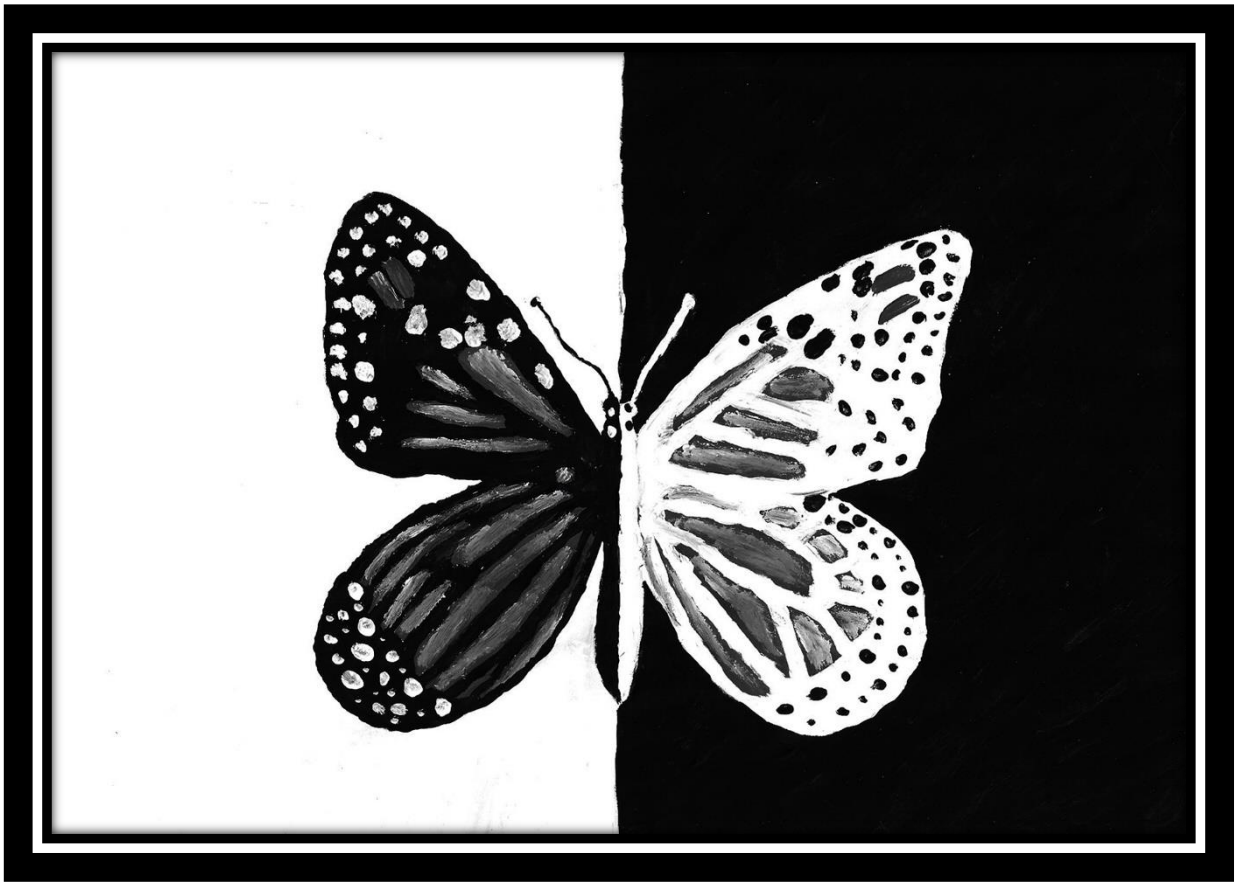
Nem tudo é mau, estou numa casa nova onde consigo ter mais liberdade no exterior.

Vi um filme chamado “Contágio” que descreve uma situação parecida com a que vivemos por causa da Covid 19, mas que é, a nível de morte, mais forte.

Eu não me sinto confortável com a máscara quando tenho de a usar, no entanto, temos de nos adaptar a esta nova realidade.

Vai tudo correr bem!

Ilustração: Mariana Guerreiro, 7ºC, Escola Básica da Pontinha



CONVERSA EM UNÍSSONO

O COVID-19 é uma pandemia que veio abalar o mundo inteiro, as nossas vidas todas.

Sinto-me preocupado, triste, ansioso com tudo o que vejo e ouço na televisão e na internet. Estamos a "lutar" contra algo que não conseguimos ver!

Eu tenho vivido bem. Gosto mais de estar em casa, então fico mais seguro.

Quarentena para mim é como fosse uma prisão porque não podemos sair de casa e temos de ter mais cuidados.

O encerramento das escolas foi algo que me deixou com muito medo! Como vou continuar a ver os meus professores, amigos... Como vou aprender... Como vou brincar e conviver com os meus amigos...?

A minha quarentena está a ser preenchida com muitos trabalhos. Não me importo muito de estar em casa porque temos mais tempo para estar com a família, mas tenho tido muitos trabalhos e passo a tarde toda a fazer o que as professoras ou os professores mandam.

Nos tempos livres faço exercício físico, vejo televisão, mexo no telemóvel, jogo no computador e vejo séries. Também tenho mais tempo para jogar jogos de tabuleiro com a minha família.

Tenho feito muitas receitas como bolo de caneca de chocolate e Oreo, bolo de caneca de Oreo, e mini tortas de caramelo e de lima.

Na minha quarentena estou a aprender a fazer muitas receitas, experiências e muito mais.

As coisas já não vão ser como eram antes enquanto não houver a vacina, temos de ter os cuidados todos.

Não gosto de ver as notícias pois vejo muitas pessoas a sofrer o que me deixa muito triste.
Têm morrido muitas pessoas e não há meio de isto acabar.

Agora neste tempo de quarentena estamos mais unidos do que nunca.

E agora pergunto-me: como estão vocês aí em casa?

Ilustração: Turma 5ºA, Escola Básica da Pontinha

Texto: Turma 5ºE, Escola Básica da Pontinha

Num dia calmo de inverno, uma estudante inglesa de nome Mary estava a cozinhar quando viu na TV a notícia de que um vírus mortal estaria a espalhar-se pelo mundo. Mary ficou curiosa e nas suas pesquisas verificou que ninguém acreditava no médico que expusera o assunto. Ficou muito preocupada, mas algo lhe dizia que o médico poderia ter razão. Enquanto estudante de Biologia, iniciou uma investigação por conta própria. Procurou chegar à fala com o médico e ficou a saber do internamento de um rapaz com sintomas semelhantes aos que tinham sido anunciados. Quis visitar o jovem, mas ninguém a deixou, o que dificultava a sua pesquisa. Finalmente, o médico levou-a até ao rapaz, embora com todos os cuidados de higiene para que não fosse infetada. Ambos iniciaram uma investigação para a descoberta da origem e da cura para este vírus.

O mundo começava a dar sinais de pânico, pois o número de infetados e mortos crescia. Os hospitais não conseguiam dar resposta a tanta procura e os sintomas frequentes eram sempre os mesmos: febre alta, tosse e falta de ar. Os grupos de maior risco pareciam ser idosos e pessoas com doenças crónicas.

O médico e a jovem criaram uma organização de investigação e iniciaram estudos para a cura deste vírus denominado G1B1 e chegaram a brilhantes conclusões. Entretanto, embarcações militares procuravam ajudar as populações com bens alimentares e outros. No decurso da investigação, Mary descobriu que o jovem ficou infetado na viagem de finalistas que fizera aos arredores de Londres através do toque num cadáver que surgira naquela zona. Ao chegar a casa, transmitiu a doença à sua mãe que, por sua vez, a propagou por toda a capital londrina. Os líderes mundiais começavam a pensar manter as pessoas em isolamento social e decretavam inúmeras medidas. No entanto, o vírus tornava-se cada vez mais sério e mortal, pelo que muitas escolas e empresas começavam a fechar e as pessoas mantinham-se a trabalhar e a estudar a partir de casa.

Conscientes da importância da sua investigação, o médico e Mary estudaram o sangue de uma ave rara, o grebe. Depois de testarem e saberem que uma pessoa ficara curada e sem sintomas de forma rápida, perceberam que tinham descoberto os componentes para a tão desejada vacina. As despesas com esta investigação estavam a tornar-se insuportáveis e ambos decidiram pedir ajuda ao Estado. Os governantes aceitaram patrocinar as despesas e vários chefes dos países mais afetados por este vírus quiseram que lhes fosse dada exclusividade, prometendo pagar aos dois investigadores uma fortuna. No entanto, eles aceitaram apenas o contributo necessário e patrocinado pelo seu país impondo a condição que a cura seria espalhada pelos países do mundo. E assim foi, muitas pessoas ficaram imunes à doença graças à sua descoberta. Meses depois, receberam o prémio nobel da medicina e uma bolsa milionária

para futuras investigações, descobrindo que o amor e a paixão entre os dois não se resumiam apenas à investigação e cura para doenças.

Ilustração: Turma 5ºE, Escola Básica da Pontinha

O recomeço

Não vejo este confinamento como um fim, mas sim como uma oportunidade de recomeçar.

É incrível como, de um jeito ou de outro, o universo arranja sempre uma forma de se equilibrar. O céu ficou mais azul, as águas mais cristalinas, os animais apareceram e a poluição diminuiu.

De repente, vimo-nos obrigados a ficar em casa, a conhecer as pessoas que viviam connosco e que, no fundo, nem sabíamos bem como eram. Vimo-nos impedidos de abraçar, de tocar, de beijar. Esses simples toques e carinhos aos quais antes não dávamos importância e dos quais agora sentimos falta. Fomos obrigados a trabalhar em conjunto, a ser mais empáticos, a olhar para o próximo porque só assim resultaria.

Penso que esta pandemia veio lembrar-nos que somos iguais e que, na verdade, já nos tínhamos esquecido da nossa própria humanidade.

Não quero voltar ao normal porque talvez esse tenha sido o problema. Tenho esperança que isto acabe e que tenhamos aprendido com a situação e que juntos possamos criar um novo “normal”, mais ecológico, mais empático e melhor!

Ilustração: Oumou Diallo, 7ºJ, Escola Básica da Pontinha

O meu dia a dia na quarentena

O meu dia a dia atual é muito diferente do dia a dia que tinha quando ainda não havia COVID-19 para arruinar a nossa vida.

Vou contar-vos como se organiza, agora, a minha semana.

Vamos começar pela segunda-feira. Neste dia, normalmente, eu não faço nenhum trabalho de casa, mas tenho aulas síncronas, assisto sempre às aulas do “Estudo em casa” e depois ainda tenho aulas do Centro de estudos.

Na terça-feira, começo a fazer os trabalhos de casa, participo nas aulas síncronas, assisto, novamente, ao “Estudo em casa” e termino com as aulas do Centro de estudos.

E todos os dias, exceto o sábado e o domingo, estão organizados desta forma. A minha dificuldade é que só termino as aulas às 18 horas.

Finalmente, quando chega o fim de semana, fico a descansar ou a fazer alguns trabalhos de casa e… não faço mais nada!

Ilustração: Rodrigo Andrade, 7ºJ, Escola Básica da Pontinha

Harmonia da Natureza

Todas as manhãs, Alice vai para a janela do seu quarto ver o mar, são tantos os pensamentos que envolvem a sua mente! Poderia ser tudo tão diferente…

Esta era mais uma triste manhã, era a manhã do seu aniversário…

Como Alice gostaria de passar este dia com a família e os amigos!

Ali, naquela pequena casa junto ao mar, Alice vivia com a sua avó, enquanto os pais estavam noutra cidade a trabalhar no hospital. Como estavam na linha da frente a cuidar de quem precisava não podiam estar junto dela. Os amigos também estavam afastados e não podiam ir à escola.

Por uns minutos, Alice tentou alegrar o seu próprio coração da melhor forma que conseguiu e, para acalmar a tristeza, criou na sua mente convidados especiais para o seu dia. E ali estavam eles, presentes: o sol, o mar, o vento e as gaivotas!

Naquele momento tudo ficou preenchido: o sol brilhava e iluminava o seu rosto, o vento soltava os seus cabelos, as ondas do mar conversavam com ela através do seu som perfeito e as gaivotas voavam no lindo céu azul…

Estava tudo em harmonia!

Alice sabia que nunca iria esquecer este dia especial! Para si, este dia teria sempre a sua beleza porque tinha escutado a natureza!

Ilustração: Maria Domingos, 7ºJ, Escola Básica da Pontinha

Texto: Letícia Sousa, 7ºJ, Escola Básica da Pontinha

Em quarentena

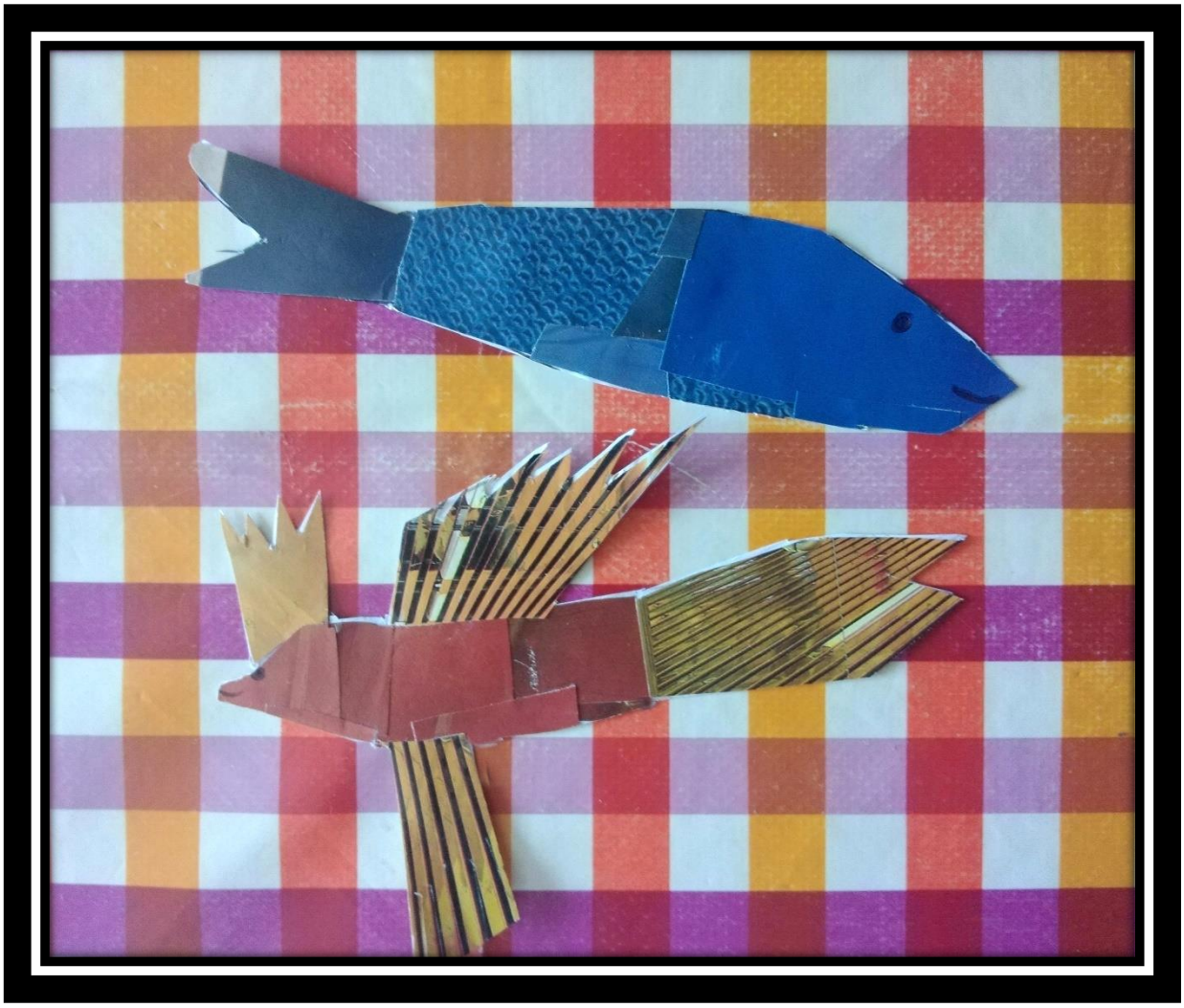
Vou referir a minha perspetiva sobre a situação que estamos a viver devido à pandemia, salientando dois aspetos positivos e dois aspetos negativos.

Para mim, um dos aspetos positivos da quarentena foi poder andar mais tempo descalça. Gosto muito do contacto dos pés com o chão! Quando podia ir à escola, a primeira coisa que fazia quando chegava a casa era tirar os sapatos e agora, como estou em casa, posso andar sempre descalça.

O outro aspeto positivo diz respeito à melhoria da qualidade do ar no mundo.

Quanto aos aspetos negativos, não me agrada muito ter de obedecer a regras, no entanto, compreendo que tenho de respeitar as indicações de segurança para o bem de todos, mas o que considero mesmo muito triste foi o isolamento a que estivemos sujeitos!

Ilustração: Oumou Diallo, 7ºJ, Escola Básica da Pontinha



As qualidades que nos fazem falta em tempos de pandemia….

Nestes tempos difíceis ninguém da minha família me surpreendeu muito já que fazemos quase a mesma coisa que fazíamos antes da quarentena, apenas temos mais restrições quando queremos sair de casa. A única coisa que vi diferente foi em mim, é que tenho estado constantemente a pensar nos meus objetivos, uma coisa que não acontecia tão regularmente antes da quarentena pois tinha a cabeça ocupada com outras coisas.

Para viver melhor neste período é preciso paciência pois uma coisa é não querer sair de casa por vontade própria, ou seja, eu escolho não querer sair de casa, e outra coisa é ser obrigada a não sair de casa; e é preciso ter a capacidade de aprender coisas novas e ser produtiva.

Ilustração: Márcia Preto, 8º1, Escola Secundária Braamcamp Freire

Diário de Quarentena

No primeiro dia de quarentena pensei… vou ficar em casa a ver televisão, que bom!

Mas, quando liguei o computador, assustei-me com a quantidade de *emails* dos professores e com os trabalhos para fazer!

Dia 2

Mentalizada de que tinha todos aqueles trabalhos para fazer, meti mãos à obra. Com a minha mãe a trabalhar, fiquei por minha conta.

Dia 3

Cansada de estar em casa e de ouvir falar do maldito vírus, pedi à minha mãe para darmos uma volta pelo bairro. No regresso tive que retomar os trabalhos. Tenho mais agora do que durante as aulas.

Nunca pensei que ficar em casa fosse tão aborrecido e ainda só vou no terceiro dia de quarentena.

Dia 4

Começa a ser deprimente ter que ficar em casa.

A minha mãe hoje já não foi trabalhar. Vejo-a preocupada com o que se passa no país.

Tê-la em casa comigo é muito bom, ajuda-me nos trabalhos, jogamos e vimos filmes juntas. Mas torna-se mais chata, sempre a dizer-me:

- Vê lá se já fizeste os trabalhos?! Não deixes nenhum por fazer.

Eu sei que é para o meu bem. Somos só nós e o Ruca, o nosso gato fofinho.

Ela é a minha melhor amiga.

Dia 5

Ia ser mais um dia igual aos outros: em casa a fazer trabalhos. Mas a minha mãe teve a ideia de fazermos uma aula de zumba e assim tivemos um dia diferente, divertido!

Dia 6

Acordei e pensei: é sábado, vamos passear. Fui chamada à realidade pela minha mãe. Como estava de chuva, ficámos a ver um filme. Até sabia bem, estar no sofá. Depois, no canal das notícias, pude ver como o nosso país está devido à Covid 19. Admito que não tenho noção do que pode acontecer, mas sinto a minha mãe ansiosa e preocupada.

Dia 7

Mais um dia sem esperança de voltarmos à vida normal.

A minha mãe decide fazer um bolo para alegrar. Foi divertido ajudá-la e melhor ainda comer o bolo. Voltámos para o sofá e vimos um filme.

Eu adorava estes serões em casa, agora, há 7 dias sem a minha vida normal, nunca pensei ter tantas saudades da escola.

Dia 8

Estou desesperada!

Mais uma semana sem sair. O que fazer hoje?

Fui com a minha mãe despejar o lixo e demos uma volta. Vê-se pouca gente na rua, até as camionetas andam vazias.

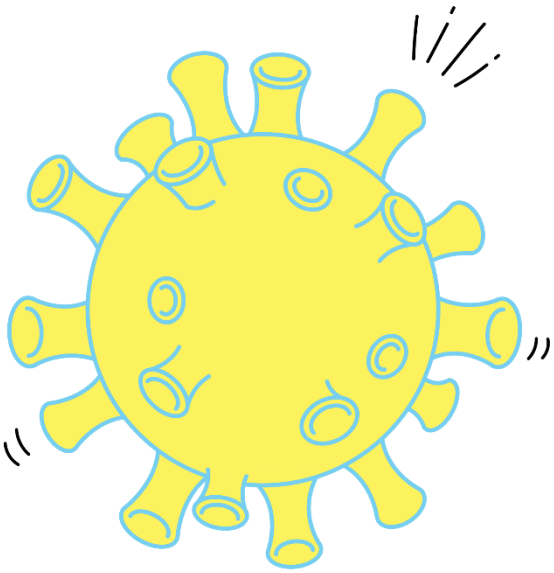
Dia 9

A conversa leva sempre ao Covid 19.

Hoje falamos de coisas mais alegres que se podem fazer em casa.

A minha mãe gosta muito de trabalhos manuais e tem um espelho grande com a moldura estragada que decidiu restaurar. Adoro vê-la e ajudar nesses trabalhos, nem que seja segurar nos materiais. Aprendo muitas coisas e acabamos por nos divertir.

Ilustração: Manuela Silva, 7ºD, Escola Básica da Pontinha



Loucuras

Abro a janela e olho. Reparo que o meu vizinho está a ter ações muito estranhas, é como se estivesse a agir sob pressão, como se estivesse a torturar alguém. De repente, vejo-o a pegar numa faca e ouço um grito muito alto, parecia de uma mulher, e a partir daí um grande silêncio. Desde esse dia nunca mais vi a namorada do meu vizinho a entrar em casa dele.

Agora só me pergunto, o que será que ele estava a fazer, estaria ele a torturar alguém, teria ele matado uma mulher?! Eu tenho de descobrir o que se passa. Está tudo cada vez mais estranho, primeiro é este maldito vírus e agora o meu vizinho, que parecia ser uma excelente pessoa, faz uma coisa destas.

Desde que começou o confinamento que não vou ao psicólogo, tenho escrito várias coisas no meu caderno tal como ele me mandou, tenho escrito sobre como me sinto solitário, como os dias têm sido sombrios e sobre como me sinto cada vez pior, mas sei que isto do meu vizinho não era loucura da minha cabeça, eu sei bem o que vi!

Decidi investigar por conta própria, se chamasse a polícia ainda diziam que isto era tudo da minha cabeça, como das outras vezes. Fui até à casa do meu vizinho, como se quisesse conviver com ele. Quando ele virou as costas e saiu da sala, comecei a vasculhar por tudo quanto era canto, consegui encontrar uma coisa que achei suspeita. Eram duas fotografias que pareciam ter sido cortadas ao meio, como se faltasse algo nelas, e logo as liguei ao crime, aquilo era uma prova irrefutável, a partir daí tive a certeza que isto não eram alucinações.

A única coisa que me tem acalmado nestes dias é fumar o meu cachimbo, como estou a fazer agora enquanto espio o meu vizinho. De repente, dá-me uma grande tontura e eu caio para o chão e parto o cachimbo. Quando o vi partido fiquei logo destroçado, aquele não era um cachimbo qualquer, foi a última prenda que a minha mãe e o meu pai me deram antes de morrerem naquele terrível acidente de carro. Foi a partir da morte deles que fiquei pior, só com o psicólogo é que ficava melhor.

Posteriormente, volto a olhar para a janela e vejo o meu vizinho a ter atos estranhos e percebi que não podia deixar isso acontecer, então decidi intervir. Peguei na minha arma, fui até à casa dele, arrombei a porta e, quando entrei, vi que não se passava absolutamente nada. O meu vizinho chamou a polícia e eu fui preso mas só conseguia pensar em como é que aquilo era tudo da minha cabeça. Agora estou na prisão, na ala psiquiátrica, e penso que estou a melhorar e, ao mesmo tempo, penso que, se não fosse este vírus a proibir-me de ver o meu psicólogo, eu nunca estaria aqui.

Ilustração: Luís Santos, 8º7, Escola Secundária Braamcamp Freire

Adolescente que pensa no passado

A Mafalda tem 17 anos e saiu da casa da mãe há um ano, pois queria mudar-se para fora "daquele inferno", como ela diz.

Apesar de tudo é uma rapariga delicada e sensível e não são os olhos azuis, o cabelo sedoso e o corpo bonito que a vão salvar das mágoas do passado. É nova, mas já passou por muito, desde o pai não querer saber dela quando tinha 6 anos até à mãe que atualmente tem uma depressão terrível e está nos cuidados intensivos a lutar entre a vida e a morte.

A adolescente vai-se abaixo e chora ao pensar como está arrependida de não ter feito as pazes com a mãe. Sai da sua varanda minúscula e entra na sua pequena e acolhedora casa que a faz sentir que conquistou uma grande coisa – ser independente.

Pega num caderno, com uma capa preta, já muito velho, muito escrevinhado, muito utilizado pelos seus textos sinceros e sensíveis. Senta-se no sofá a escrever e depara-se com duas fotografias rasgadas, um livro infantil, uma chave e uma parte de um postal numa caixa, que ela sabia que estavam lá, mas que ignorava-os sempre que os via.

Pega no livro infantil de histórias, que tem uma capa azul escura com estrelas, no centro uma grande lua e à volta da lua gigante vários animais bebés desenhados. Parece uma coisa insignificante, mas para ela não é. Aquele foi o primeiro presente que o pai lhe deu, faz lembrar a infância perdida, quando o pai ainda queria saber da filha, ainda perdia tempo com ela e lhe contava uma história todos os dias para adormecer.

Mafalda pega depois nas duas fotografias recortadas. Vê-se que são relativamente antigas, pois estão um pouco desgastadas. São fotografias da Mafalda e da mãe. Ela sabe que a parte que lá falta é a parte em que o pai aparecia. Aquelas imagens trazem muitas memórias, nomeadamente da altura em que o pai a abandonou, foi aí que a mãe rasgou as fotos, por raiva, por tristeza e por medo de não conseguir dar à filha tudo aquilo de que poderia necessitar.

E por último pega no pedaço de postal, e aí as lágrimas caíram. O postal é vermelho, a cor preferida da Mafalda, mas está um pouco desgastado, com as pontas a desfiar-se e está escrito com uma caligrafia tremida. Essa mensagem foi escrita pela mãe e o pai no último Natal em que esteve presente. Mesmo que a mensagem esteja dividida ao meio e uma das partes já tenha ido para o lixo há imensos anos, ela ainda se lembra do que dizia. O que fez a rapariga chorar foi o facto de terem sido as últimas palavras que o pai lhe disse e a última frase do texto: *"A mãe e o pai amam-te, não duvides disso!"*.

Todo este tempo serviu para ela pôr as coisas numa perspetiva diferente e pensar que se calhar foi muito injusta com a mãe, que não tem culpa disto. Ela está a sofrer e não me quer ver sofrer, porque me ama. E sei que ainda quer estar comigo. E quando tiver alta e vier para casa, vou abraçá-la muito, sem máscara nem nada, só uma mãe e uma filha que se amam e vão partilhar a mesma casa. Muitas conversas, muitas dormidas, muitos filmes e muita cumplicidade.

Ilustração: Sofia Lopes, 7ºA, Escola Básica da Pontinha

Lembranças

Abro a janela e olho. Reparo que dentro de casa está frio e escuro, com um cheirinho bom a comida, era a minha irmã a fazer o pequeno-almoço, aproximo-me da janela e noto que não é só dentro de casa que está escuro. O que vale é que as cores da minha casa favorecem o tempo que está lá fora, em tempo de pandemia eu e a minha irmã estamos em teletrabalho, e de vez em quando faz uma ventania que até a janela se abre e caem coisas. Uma vez caiu uma moldura que eu fui apanhar. Quando a abri para tirar as fotografias, vi que uma estava recortada e não estava lá o velho namorado da minha irmã; e a outra era uma foto de família em que aparecia esse mesmo ex-namorado dela. Levantei-me e perguntei o que tinha acontecido para estarem recortadas porque ela nunca me tinha contado que eles tinham acabado.

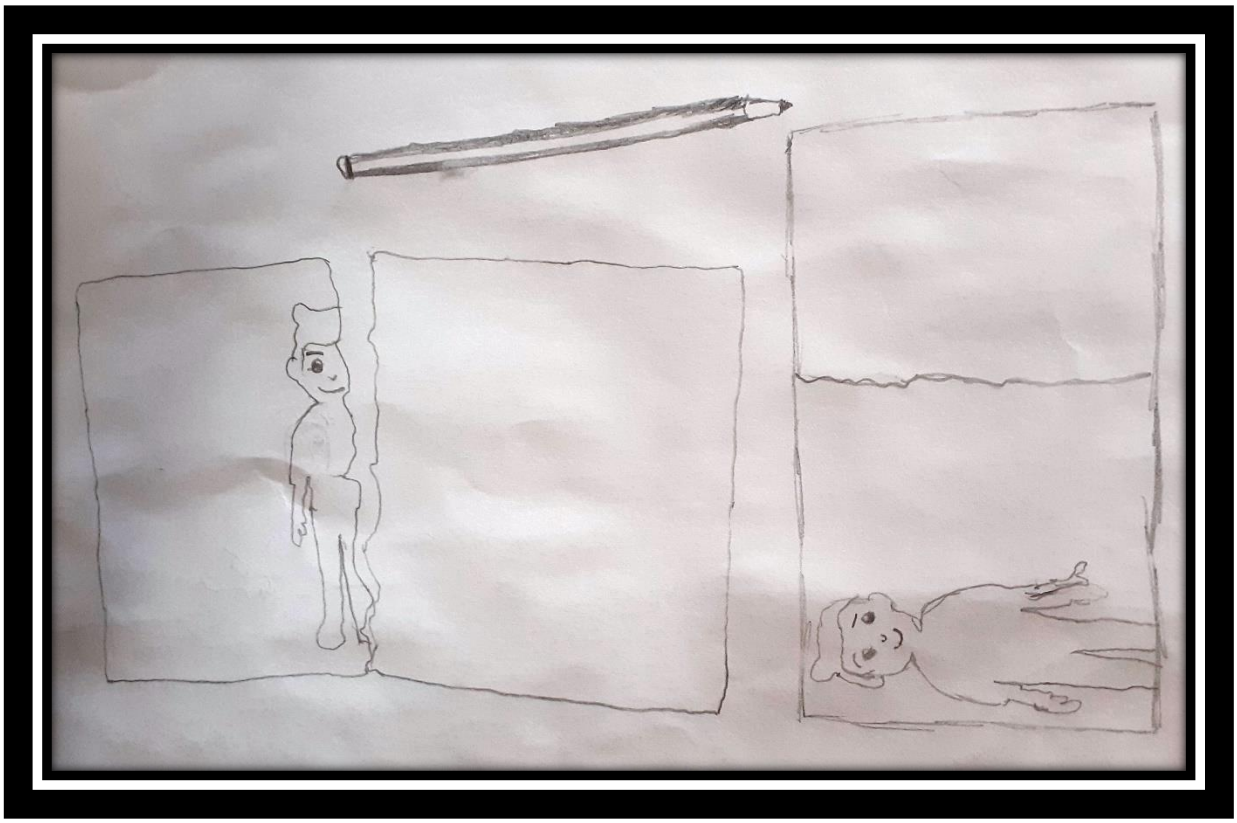
Quando lhe perguntei o que tinha acontecido, ela tirou-me as fotos da mão e foi para o quarto a chorar, e eu sei que quando ela chora só passa passado muito tempo. Decido ligar à chefe dela, que por acaso também era a minha, e disse-lhe o que tinha acontecido. Mas disse de uma forma mais dramática para a chefe tentar aceitar e dar-lhe uns dias. Mas é como aqueles chefes que parecem de pedra, e a minha irmã vai ter de trabalhar mesmo que não queira.

Decidi pegar no caderno de notas e num lápis para escrever uma espécie de bilhete para não incomodar a minha irmã. O bilhete dizia o que ela era capaz de não querer ler nem sequer ouvir, que “a chefe diz que tens de ir trabalhar. PS: desculpa ter-te chateado com isso.” Esperei que ela saísse do quarto ou escrevesse algo mas nada, tive de tentar fazer o trabalho dela, que eu não sabia bem qual era, e então liguei à suposta melhor amiga dela lá na empresa e disse-lhe o que se tinha passado: ela deu-me algumas orientações para conseguir fazer o seu trabalho, vi que era muito difícil mas lá o fiz, enquanto ao mesmo tempo ia fazendo o meu.

Passados uns dias a minha irmã decidiu sair do quarto com o bilhete que eu escrevi todo rabiscado e prontinho para ir para o lixo. Perguntei-lhe se queria tomar o pequeno-almoço, foi o mesmo que não ter perguntado nada. Saiu do quarto e foi logo trabalhar. Decidi espreitar o quarto dela, que estava tudo desarrumado: toalhas no chão, cama completamente desfeita e tudo fora do sítio. Dei um grito tal que ela veio a correr e disse que “foram 15 dias normais”, eu olhei para ela e fiquei com aquela cara de “agora sou eu que arrumo, não é?”.

Mas compreendi, para ela foi apenas uma lembrança dum tempo que passou.

Ilustração: Filipa Martins, 8º7, Escola Secundária Braamcamp Freire



Sofia

A história que contarei começa com um nascimento. O médico disse:

- É uma menina!

As suposições começaram. Logo se ouvia:

- Gostará de bonecas, vestidos, pintura. Talvez seja uma professora, cantora, atriz ou doméstica.

A menina foi crescendo, deram-lhe um nome, Sofia. Parecia ir tudo bem, porém descobriram que bonecas não era para ela. Nunca vi tanta revolta. Ela gosta de jogar futebol e corre na rua, sem falar no amor pela dança.

Sofia tinha 12 anos quando começou.

- Não use roupas curtas, tenha cuidado com os meninos. Sem maquilhagem.

Ela seguiu os conselhos, sem entender porquê. Queria usar as roupas que achava bonitas.

Logo enfrentou outro problema, os seus colegas de turma riam-se do seu cabelo e o denominavam de “cabelo ruim”. Ela alisou os seus fios, várias vezes, até ver o seu cabelo no chão de um salão de beleza, ela chorou muito, como sempre fazia no seu quarto.

A superação do corte foi difícil, e talvez nem tenha acontecido, mas tinha um novo problema, agora pessoas estão falando do seu corpo. Fez dietas e exercícios, passou dias sem comer, chegou a ter desmaios. Mesmo assim, nada adiantou, os comentários não diminuíram, com o tempo começou a aceitar o seu corpo, mesmo que ir à praia ainda fosse difícil.

Com os seus 15 anos, deparou-se com uma menina.

- Hoje conheci uma miúda diferente, tudo nela é diferente, o seu cabelo avermelhado que diante ao sol brilha é fluorescente. Os seus lábios bem desenhados que me lembram as atrizes. Os olhos escuros como a noite, o sorriso de orelha a orelha, belo como as estrelas. De uma inteligência que passaria a vida numa conversa. Tenho a sensação que a conheço há anos, transmite paz, como o pôr do sol – Sofia.

Elas estudavam na mesma escola e tinham uma amizade tão esplêndida, motivo de inveja para muitos, que claramente falavam muito. Os outros não tinham relevância para elas.

Sofia escrevia, em suas palavras estava frequentemente Mel, a sua amiga.

- Acho engraçado o seu nome ser Mel, ela de facto é muito doce, mas é explosiva como as abelhas quando atacada, tímida, mas ao abrir o seu mundo mais brincalhona que tudo. Não entendo como pode ser essa mistura, acho que sempre será um código indecifrável para mim. Tem um equilíbrio entre distração e seriedade. Privilegiado é quem tem um Mel na vida – Sofia.

As suas letras eram constantes tentativas de entender o que sentia, porém confundia-a mais. Sempre foi alguém racional. O que tinha mudado? Pelos menos agora via beleza refletida no espelho, o que enchia o seu telemóvel de fotos.

Não apresentei os seus pais, a sua mãe criou-a sozinha trabalhando dias e noites, já o seu pai só o conhece por uma velha fotografia em uniforme da tropa, ele nunca retornou para o seu lar.

A sua mãe percebeu a mudança, numa conversa disse que a apoiaria em tudo sem exceção. Sofia não entendeu mas agradeceu.

Sofia na escola escutou coisas sobre ela que a fez pensar.

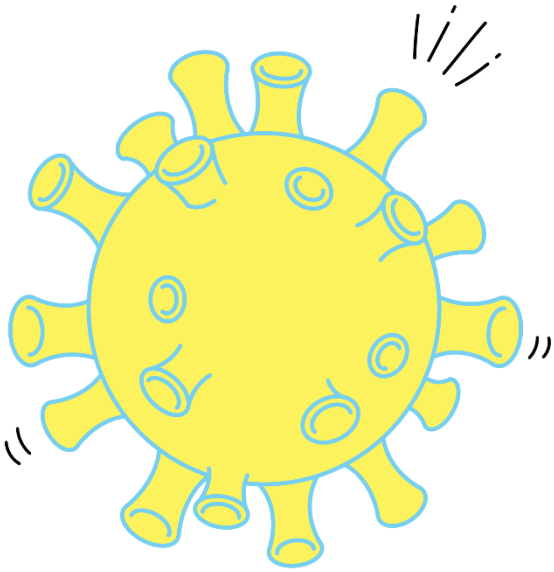
- Será que têm razão? E se eu estiver...? – pensou.

Resolveu escrever sobre as suas dúvidas.

- E se for verdade, não estaria pensando se não houvesse possibilidade. O que achariam? O que ela pensaria?

Perguntou a Mel o que sentia. A partir daí o futuro contará. Mesmo com este vírus à solta.

Ilustração: Jamily Machado, 8º7, Escola Secundária Braamcamp Freire



Presa sem poder fazer nada

Abro a janela e olho. Reparo que o mundo está escuro e a pessoa que amo está longe. Há uns meses o Caio recebeu uma proposta de trabalho em Estocolmo, é uma daquelas propostas que não se pode recusar. Fiquei muito feliz mas ao mesmo tempo não vejo a minha vida sem ele, e agora já não posso ir, não agora, com este vírus por aí.

Não sei o que se passa, só sei que me sinto em prisão domiciliária, esta casa está obscura sem ele, no primeiro mês passei a maior parte do tempo fechada no quarto pintado de azul e rosa escuro, ainda sinto o cheiro do Caio. Este quarto é o meu porto seguro, é a minha raiva e a minha paixão, mas não resulta, porque acabo o dia a chorar ou a bater em alguma coisa. No início eu estava escura por dentro, mas ainda há uma luz e a melhor forma de acender essa luz é descarregando no trabalho.

Sou designer, por isso posso trabalhar em casa. Já faz quatro meses que só saio à rua para fazer as compras e passear a Milly e a Molly, que são a minha companhia e as cadelas mais fofas deste mundo.

Há um mês acordei com alguém a *tocar-me* à *campainha, era o correio. Peguei na caixa e sentei-me no sofá para ver o que era, lá dentro tinha um mapa de Estocolmo, uma foto dele em uniforme*, *lindo como sempre, e ainda uma carta e uma chave. Pego na carta e começo a ler.* Ele fala das saudades e diz que gostaria que eu estivesse lá com ele, e que enviou uma chave do apartamento para quando eu puder ir para Estocolmo. Terminei de ler e desabei num choro profundo, e não sei o que me deu na cabeça pois acabei por rasgar a carta. Ler aquilo levou-me ao fundo do poço, porque me fez recordar o quanto estamos a sofrer por estarmos separados, recordou-me a frustração naquele primeiro mês sofrido. Sinto-me sufocada, mas agora decidi que vou mudar-me para Estocolmo assim que autorizarem as viagens.

Candidatei-me para trabalhar numa empresa de design, eles adoraram e contrataram-me, esta é a hipótese de fazer uma visita inesperada ao Caio.

Cheguei de viagem ontem e fiquei num hotel, estou mortinha por ver a reação dele. Apanhei um táxi e passados trinta minutos já estava no quartel, andei em direção à entrada e perguntei pelo Caio.

- Diz-me que isto não é um sonho – disse ele enquanto se beliscava a si próprio.

Era disto que eu precisava, estar com ele, abraçá-lo sem conseguir soltá-lo. Este é apenas um recomeço noutro país ao lado da pessoa que mais amo com as minhas cadelas preferidas.

Este país lindo é onde vamos criar as nossas lembranças, este lugar é o nosso futuro.

Ilustração: Daniela Tibúrcio, 8º8, Escola Secundária Braamcamp Freire

Quarentena

Já passaram quase três meses de quarentena e não me sinto melhor comigo mesmo, mas no entanto descobri um pouco mais sobre mim, como por exemplo: Gosto de escrever, ler, ouvir jazz e descobri que sou fanático por física e romances.

Decidi achar um *motivo* para a minha existência que aparentemente não tinha muitos motivos. Estaria a mentir se dissesse que estava tudo muito bem mas não, não quero ser mentiroso a esse ponto…

Somente não encontro muita satisfação nisso a que chamamos vida, apenas gostaria de entender o que é e porque vivemos nela (sorrisos). É bem engraçado viver com medo da morte, existe um ditado na minha religião que diz: “A morte é uma vantagem para aquele que segue e crê em Deus.” (porque aquele que segue a Cristo herda o reino dos céus).

Esta quarentena fez-me refletir um pouco mais sobre a palavra “vida”. Costumo argumentar com as nuvens sobre isso e elas permanecem sempre de boca calada, pois nem elas sabem o porquê disso tudo (sorrisos). Vou ser sincero, tornei-me amigo delas e tem sido fantástico pois elas entendem-me. Agora sei, mais do que nunca, que jamais estarei só pois elas são muitas.

Aprendi a gostar da Natureza e a apreciar os mínimos detalhes, passei a olhar mais as pessoas, tentando entender certos comportamentos, em comparação com os meus.

Mas ainda assim senti que faltava uma peça em mim, então decidi aprender alemão, o que se torna mais difícil quando se faz sozinho.

Estou a tentar encontrar um sentido para a minha vida, mas é difícil. Decidi escrever para ver se me sentia melhor e descobri que amo fazer isso, agora passo horas a escrever o que vejo e o que aparece na minha cabeça e resulta.

Se um dia eu tiver a oportunidade de escrever grandes livros e puder partilhar o meu amor pela escrita fá-lo-ei, pois parece ser algo fantástico. Agora, posso dizer que ambiciono ser um grande amigo das letras.

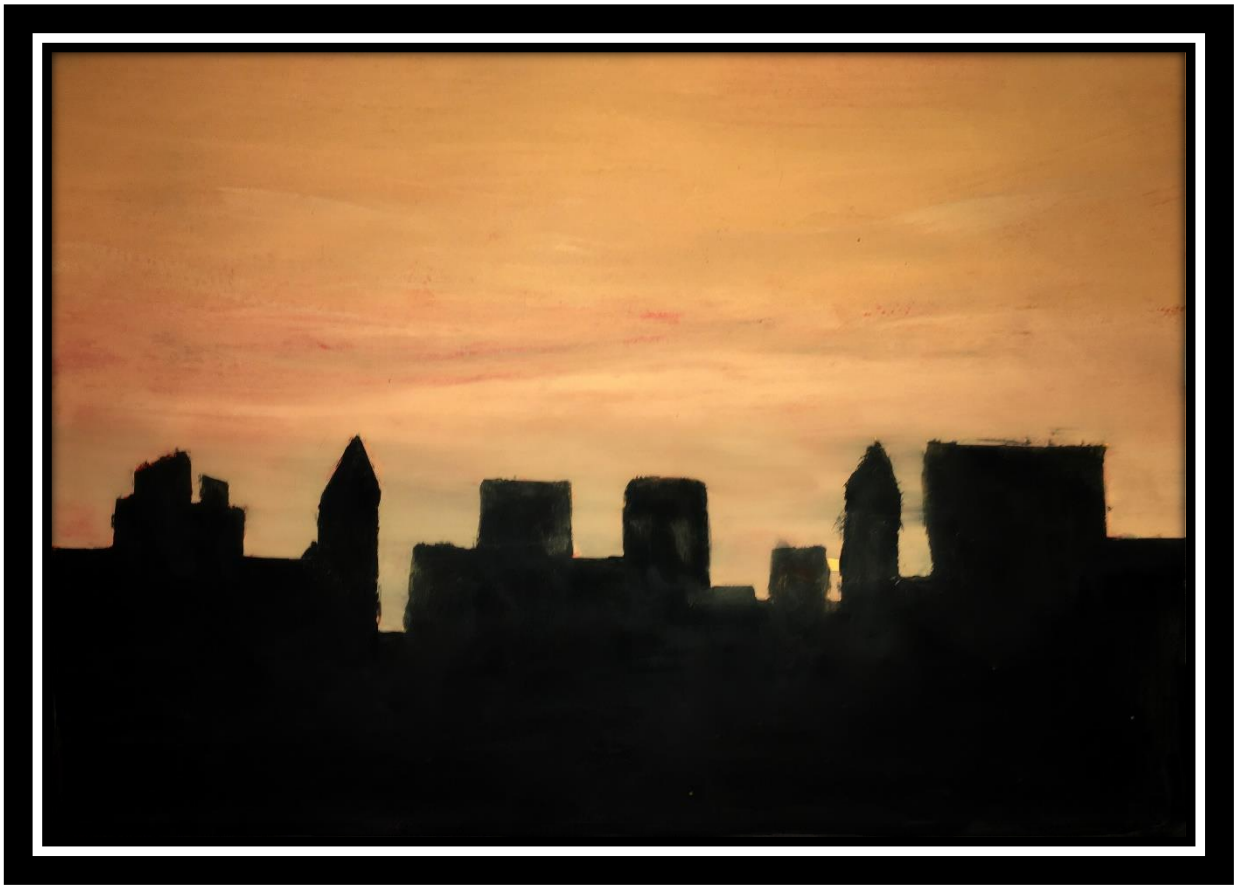
Ilustração: Celina Tavares, 7º I, Escola Básica da Pontinha

Texto: (Anónimo), Escola Secundária Braamcamp Freire

Em 2020 ocorreu uma pandemia devido ao vírus Covid-19. Como este tinha um grau muito elevado de transmissão, a população mundial teve de ficar em isolamento social para tentar prevenir a contaminação de mais pessoas. Neste texto vou contar um pouco de como foi o meu isolamento social.

No tempo em que tinha de ficar em casa durante um período indeterminado, eu pensei no que fazer e tentei organizar-me ao máximo para o aproveitar, não o queria desperdiçar porque era muito improvável voltar a ter tanto tempo livre de novo, por isso, pensei no que queria fazer e no que tinha de fazer, como manter o estudo em dia e estudar para os exames que ia realizar esse ano. Depois de pensar consegui arranjar maneira de fazer as coisas de que gostava, como ver séries, jogar, e também aprender a tocar guitarra (porque... why not?) enquanto mantinha o estudo em dia e tentava não me tornar uma baleia com pernas, porque, depois de tanto tempo em casa, era de esperar que algumas pessoas fossem engordar nesse período; felizmente, esse não foi o caso porque decidi fazer mais exercício físico (talvez mais do que fazia antes) e ser mais saudável (não comer muitas bolachas, chocolates, etc...). Então, assim o fiz. Acredito que para muitas pessoas este período tenha sido horrível por não poderem ver os amigos e a família, e não digo que para mim não tenha sido, mas não me custou imenso nem fiquei com menos sanidade mental por ter passado tanto tempo afastada das pessoas; na verdade, até acho que me fez bem, já estava a precisar de um tempo para mim e para meter o meu estudo em ordem. Confesso que ver nas notícias a taxa de mortalidade pelo vírus a aumentar foi terrível, mas tentei manter-me positiva focando-me no que tinha para fazer e pensando que já tinha feito a minha parte, já que estava em isolamento social, tal como recomendado, e agora isto dependia dos profissionais de saúde. Foi isso que fiz neste tempo, nada muito anormal, pois penso que todos tentaram aproveitar este tempo da melhor forma possível.

Ilustração: Gabriel Silva, 7ºC, Escola Básica da Pontinha



Texto: Beatriz Martins, 11º1, Escola Secundária Braamcamp Freire

Esta dita nova “normalidade”, o isolamento social, a quarentena, foi sem dúvida a experiência mais eclética por que passei na minha curta vida de 17 anos.

No dia 13 de março, quando nos avisaram que na segunda-feira seguinte a escola ia encerrar, pensei: “Bom, umas férias deste stress não vão fazer mal a ninguém!”.

Depois, “caiu-me a ficha” ...

Apercebi-me que, por um tempo indeterminado, não voltaria a ver a maior parte das pessoas, as coisas e os lugares que dão interesse à minha vida: os meus amigos, os meus familiares, o mar, a comida do restaurante, a confusão da cidade e a calmaria da natureza.

Assim se passou a primeira semana de um confinamento forçado, com desânimo e ânsia para que tudo passasse depressa.

A partir daí e com os números a subir, conformei-me com a situação, sempre com o objetivo de me manter o mais ocupada possível, e aqui agradeço aos professores que nos deram um propósito neste momento tão monótono para a mente hiperativa de um adolescente.

Posso afirmar mesmo que nunca tinha sido tão produtiva quanto nestes dois meses.

Desenvolvi novos métodos de estudo autónomo, acabei de ler livros que não tinha tempo para ler antes, fiz trabalhos plásticos como se fosse uma menina da primária, confecionei bolos como uma verdadeira pasteleira (fiz inclusive o bolo de aniversário da minha mãe e acho que vou fazer o do próximo ano e do outro e do depois desse).

Para além de tudo isto, cheguei a algumas conclusões que me marcaram, provavelmente um pouco óbvias, sobre a vida e o mundo: primeiramente, que todos dependemos uns dos outros e não paramos muito para pensar nisso, hoje em dia; que devemos considerar seriamente antes de permitir a eleição de um populista que nada tem em comum com os nossos princípios e valores para liderar o país (as conferências de imprensa do presidente americano envergonharam até a mais pequena criança); que devemos falar mais sobre a saúde mental na sociedade e que, quer queiramos quer não, somos todos cidadãos do mesmo mundo, apesar das fronteiras fictícias que alguém decidiu desenhar por nós.

No fim das contas, este período de isolamento foi feito de altos e baixos e vai, sem dúvida, marcar a nossa perspetiva do mundo e da vida de uma forma diferente.

Não sabemos se vamos ter de conviver com o vírus por muito mais tempo, mas decerto vamos ter de conviver para sempre com as mudanças por que ele nos fez passar e aos que nos rodeiam.

Ilustração: Rodrigo Andrade, 7ºC, Escola Básica da Pontinha

Texto: Inês Luís, 11º1, Escola Secundária Braamcamp Freire

Apesar de tudo, quero acreditar que seremos capazes de levar algo positivo desta pandemia mundial. “Como?” podem estar a perguntar-se. Acredito que sairemos melhores pessoas (algumas de nós, pelo menos). Acredito que daremos mais valor às relações sociais e interpessoais, agora que nos vimos privados delas de uma forma abrupta e involuntária. Assim, o ato de beber um café ou de conversar com outras pessoas terá outro valor e outro significado. Acredito, também, que nos tornaremos mais empáticos e cuidadosos com os demais à nossa volta, o que se verificava uma raridade na nossa sociedade e, ainda bem, que estamos de certa forma a inverter esta situação. Vejo pessoas a ligar a familiares e/ou amigos com mais frequência do que o costume, este facto aconteceu inclusive na minha família. Esta quarentena serviu também como uma paragem, em muitos casos necessária, do estilo de vida frenético em que vivemos. Outro dos aspetos mais positivos que tenho verificado é exatamente a união entre os cidadãos. Vemos desde voluntários a realizar tarefas que pessoas em grupos de risco não podem fazer até à conversa entre vizinhos, uma coisa que não acontece geralmente em Portugal. Somos, por vezes, o “país das janelas fechadas” onde entramos em casa e nos isolamos. Nestes tempos, temos visto exatamente o contrário. Vemos vizinhos a falar entre eles, festas em condomínios com música ao vivo, e muito mais. Posso dar um exemplo pessoal, a minha mãe falou pela primeira vez com o vizinho da frente, pois têm o hábito de ir à varanda ao mesmo tempo.

Com isto, não digo que seja tudo um “mar de rosas”, afinal de contas ainda estamos a viver um período de pandemia mundial, com todos os horrores que isso acarreta. Mas, como quero acreditar que podemos tirar algo positivo desta situação horrenda, digo que aprendemos com outros povos da Europa e que passámos a ser o “país das janelas abertas”. Não só abrimos as janelas de nossa casa, como abrimos as janelas da sensibilidade, da empatia, da solidariedade, das relações sociais e muitas mais, que há muito haviam estado fechadas.

Ilustração: Simão Almeida, 7ºC, Escola Básica da Pontinha

Texto: Inês Santos, 11º1, Escola Secundária Braamcamp Freire

Ao início foi tudo muito estranho. Não sabia se devia ficar contente por nos afastarmos da escola numa época de muitas avaliações ou triste e ansiosa por não saber quando a data de retorno. Na primeira semana estava inclinada para a primeira opção, mas depressa a segunda se revelou mais pesada na balança. Tivemos trabalhos pedidos pelos professores e estudávamos sozinhos, tivemos muito tempo livre e pouco mudou quando as aulas online começaram. Começámos todos a engrenar e a não sentir uma pressão tão grande em relação à escola. As aulas eram curtas e eficientes, os professores compreensivos e só este pequeno contacto com a normalidade de uma aula em turma deu algum ânimo aos meus dias, já monótonos e a precisar de novas atividades. Apesar do mínimo retorno à realidade desta semana, continuamos todos muito receosos em relação ao futuro, às alterações trazidas por uma pandemia que ninguém previu ter tantas consequências a tantos níveis. Quando imaginava uma pandemia, pensava no que acontece nos filmes, uma doença grave que mata milhões e que só enfrenta uma cura passado uma hora e trinta minutos de entretenimento da minha parte. Nunca pensei ter que ficar em casa por dois meses, sendo esta a única coisa que podia/posso fazer para ajudar, enquanto muita gente trabalhadora em áreas de saúde, comércio e afins se arrisca a ser contagiada e a contagiar através de uma doença que não afeta a maioria da população de forma grave, mas que nos sensibiliza em relação ao facto de que nós não estamos mal, mas há quem possa não superar o Covid-19. Aprendemos que o nosso lazer e liberdade podem esperar, apesar de todas as mudanças e adaptações, mas a vida de muitas pessoas não. Assim, só nos resta esperar por futuras consequências, positivas ou negativas e pela evolução deste estado de urgência em erradicar uma doença que conseguiu afetar-nos a todos, de uma maneira ou de outra.

Ilustração: Ricardo Andrade, 7ºJ, Escola Básica da Pontinha

Texto: Joana Fonseca, 11º1, Escola Secundária Braamcamp Freire

Em 2020 surgiu uma nova realidade para todos nós, a descoberta de um novo vírus que poderia matar qualquer ser humano no globo. Devido a esta descoberta, fomos obrigados por forças superiores a realizarmos o confinamento social.

No meu ponto de vista, nem todo este tempo fechados em casa (no meu caso 2 meses) foi mau. Claro que teve pontos fortes e pontos fracos tal como irei enunciar aqui.

Bem, um dos pontos fortes que eu vi nesta quarentena foi a oportunidade de nos conhecermos melhor a nós próprios, olharmos para nós e conseguirmos ver defeitos e qualidades, mas de um ponto de vista mais claro e distinto, alguns defeitos que nem dávamos conta de que tínhamos. Outro ponto positivo foi o facto de termos mais tempo para nos dedicarmos a cuidar de nós, da nossa imagem. Apesar de continuarmos a ter aulas online, sempre era menos sufocante por estarmos em casa, num ambiente mais familiar e acolhedor. Por fim, mas não menos importante, o facto de termos mais tempo para nos dedicarmos ao que mais gostamos de fazer, sejam atividades de lazer como desenhar ou escrever ou mesmo estar em família e podermos aproveitar cada minuto com eles.

Por outro lado, também se destacam alguns pontos negativos como por exemplo termos de estar longe dos nossos avós por fazerem parte do grupo de risco, o que, no meu caso, não foi de todo uma coisa fácil visto que estava quase todos os dias com eles. Neste tempo de confinamento também nos podemos sentir mais tristes ou sozinhos, mas o segredo para isso é não nos isolarmos e irmos sempre ter com alguém, de forma a conseguir de certa forma aliviar esse sentimento, porque quando estamos juntos ou com alguém por perto dá sempre para rir um pouco e nos sentirmos melhor com qualquer situação que se possa ter passado.

Para concluir, podemos verificar que nem tudo o que se passa é mau e haverá sempre pontos positivos, só os temos de procurar e quando os acharmos agarrá-los e nunca os deixar fugir.

Ilustração: Marta Martins, 7º I, Escola Básica da Pontinha

Texto: Miriam Mealha, 11º1, Escola Secundária Braamcamp Freire

Querido diário,

Em dezembro de 2019, surgiu na cidade chinesa de Wuhan uma nova espécie de vírus, o Covid-19. Tem um grau de transmissão altíssimo. Afeta o sistema respiratório, conduzindo a pneumonias que podem ser fatais para pessoas mais debilitadas.

Por negligência governamental, o vírus aconchegou-se na Europa, estando agora Itália e Espanha a sofrer fortemente os seus efeitos. Há semana e meia, Covid-19 apareceu em terras lusitanas. Instalou-se o pânico nos portugueses, do Porto até Lisboa, Algarve e recentemente, Açores e Madeira. Foram detetados casos nas escolas e algumas fecharam imediatamente. A hipótese de fechar todas as escolas, colocada pela DGS e governo português, foi primeiro rejeitada e um dia depois, sexta-feira, 13, decretada.

Agora, apresentada a situação que mais parece um filme manhoso do Syfy às 3 da manhã, deixa-me contar-te como as coisas se desenrolaram, na minha perspetiva.

Quando o confinamento se iniciou, há uma semana que me encontrava em casa com gripe. Tive de faltar a dois testes e parece improvável vir a realizá-los. Já não tenho febre e também ultrapassei as questões existenciais, mais do que aceitáveis nesta altura ("será que apanhei Covid-19?"; "será que foi uma gripe normal?"; "será que foi uma visita de um corona mais debilitado?"...), porém, continuo surda do ouvido direito e ir ao otorrino está fora de questão.

Provavelmente estás a questionar-te "mas o que tem feito ela em casa sem escola?". Tenho-me dedicado à procrastinação, vá, até ontem que comecei a fazer exercícios de matemática e algumas tarefas de cada disciplina. Recebi hoje de manhã duas tarefas de Português sobre *Os Maias*. Quero ganhar forças para continuar Química e Geologia para os exames. Estou a ler dois livros muito bons, um de análise comportamental, "Verdade ou Mentira" de Joe Navarro e "Ética para um jovem" de F. Savater. Voltei a desenhar e até correu bastante bem. Tenho ouvido *podcasts* interessantes, sobre diversos assuntos, incluindo o mais falado atualmente. Comecei a escrever uma história vinda das profundezas da minha imaginação (tenho o epílogo, 3 páginas de história e o título, "Perfeita Imperfeição") que mistura psicologia comportamental com romance adolescente e ficção científica.

Bem, já me alonguei. Despeço-me, dizendo que acho bastante engraçado observar o que seria esta Pontinha-Lisboa num apocalipse de zombies. Acredito que isto tenha acontecido para darmos mais valor ao que temos todos os dias e que damos como adquirido. Acredito que tudo vai ficar bem e que nos vai servir de emenda para o futuro. Há que ter paciência para voltar à normalidade.

Até breve.

Banda desenhada: Daniela Roberto, 7ºA, Escola Secundária da Ramada

Texto: Sofia Gomes, 11º1, Escola Secundária Braamcamp Freire

Com o novo coronavírus, Covid-19, fomos obrigados a permanecer em casa para nossa própria segurança.

Tivemos de nos adaptar a novos métodos de aprendizagem para continuar o nosso percurso enquanto alunos. Passámos a ter aulas online com os professores através de novas plataformas e passámos também a ter mais tarefas que temos de enviar semanalmente.

Devemos ficar em casa de modo a proteger-nos e aos nossos familiares deste vírus. Mas é sempre preciso sair para garantir que temos os bens necessários para a nossa sobrevivência. Quando os mantimentos chegam é necessário desinfetá-los para poderem ser consumidos.

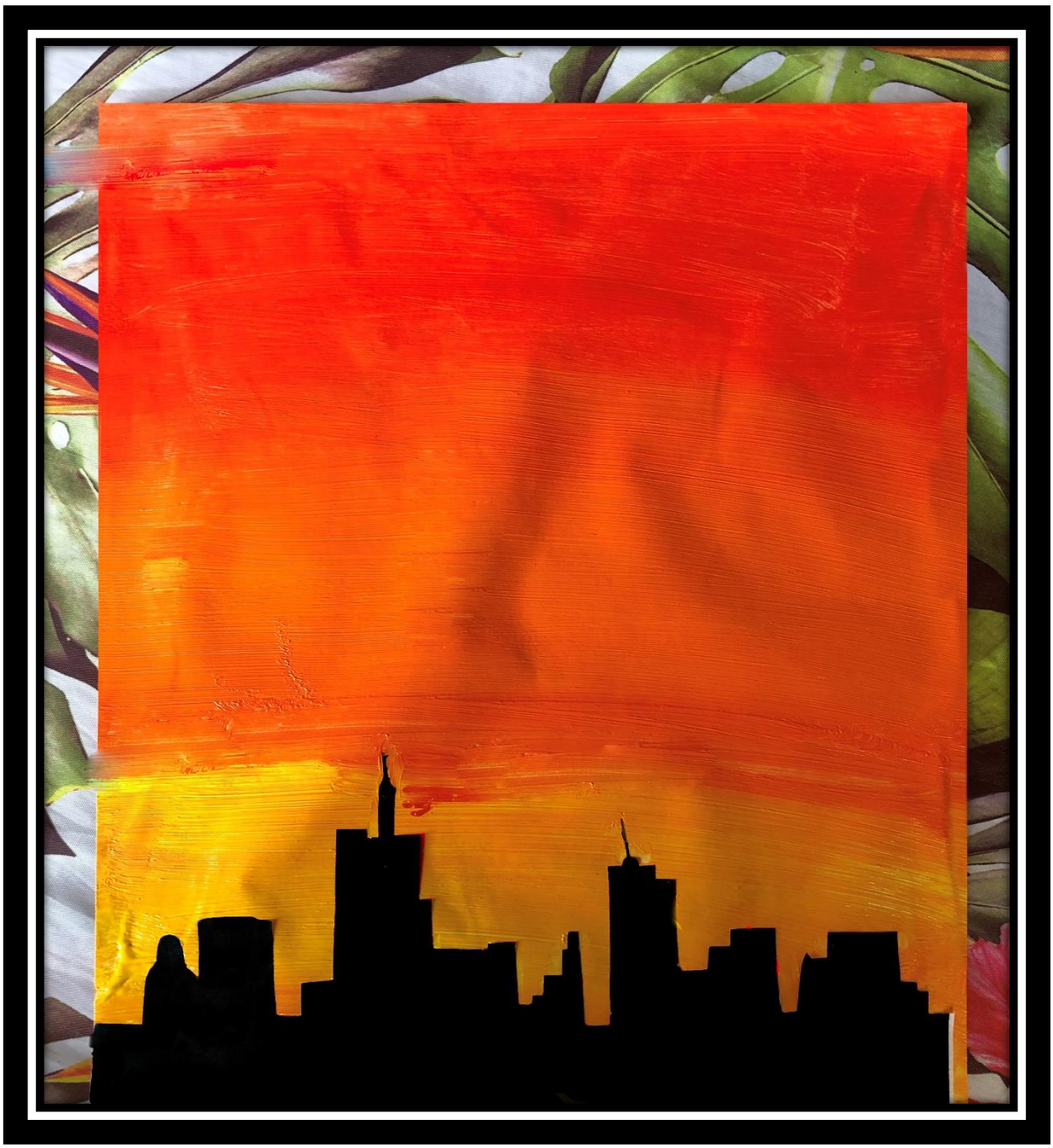
Em síntese, toda esta situação forçou-nos a ajustar rapidamente a novas técnicas, o que pode ser encarado positivamente de maneira que, em situações futuras, estaremos preparados e programados para nos adaptarmos a novas realidades mais facilmente. (Sofia, 11º 1)

Texto: Sandra Singh, 11º1, Escola Secundária Braamcamp Freire

Em dois mil e vinte estamos a viver um período de confinamento devido à pandemia da Covid-19, o que nos obrigou a adaptar a um novo estilo de vida e a novas normas sociais.

Este período tão novo e delicado ao qual fomos e estamos a ser submetidos, levará ao surgimento de uma nova versão de nós mesmos, com outros pensamentos e ideias. Aprendemos a preocupar-nos mais com os outros, a aproveitar momentos simples e especiais e a valorizar mais a nossa família. (Sandra, 11º 1)

Ilustração: Beatriz Amado, 7ºC, Escola Básica da Pontinha



Texto: Liliana Afonso, 12º 2 B, Escola Secundária Braamcamp Freire

O começo dos meus 2 meses sem sair de casa foi normal, parecia até que tinham começado as férias. Esta foi a altura perfeita para descansar um pouco e também para aprender coisas que me iriam ajudar para o resto da vida, nomeadamente cozinhar melhor.

Uma das primeiras receitas que aprendi foi-me ensinada pelo meu padrasto. Feijões com molho de manteiga e ketchup. É bom, acreditem. Há uns dias atrás até os fiz à uma da manhã. Também aprendi a fazer bolo de bolacha, se bem que não é muito difícil, a coisa mais complicada é saber quando tirar as bolachas do café, e o bolo de chocolate da minha mãe. Também quero aprender a fazer jesuítas, mas não tenho ingredientes para fazer massa folhada. Sinto saudades dos jesuítas da escola...

Também aproveitei para me dedicar um pouco aos meus passatempos, como ler manhwa e manga, mesmo sabendo que devia estar a ler um certo livro, se é que me entendem, desenhar e tentar melhorar a minha capacidade artística (não, ainda não consigo desenhar mãos) e ver anime. Eu sou muito picuinhas a escolher que anime ver. Só vi Vinland Saga porque eram os anos do meu namorado e ele queria ver comigo, mesmo eu tendo passado 3 meses a dizer que não gostava de vikings. Digamos que agora estou à espera do próximo capítulo do manga.

A meio da quarentena, eu e os meus colegas começamos a fazer os trabalhos da escola em conjunto (por chamada claro) e a ouvir o meu colega a referir as várias razões pelas quais achava que a vizinha era maluca.

Tive também a imensa sorte de ter um casal de chapins a viver na minha antiga caixa do correio. Ver os pássaros a voar matou-me um pouco as saudades que tinha de ver os aviões no céu.

Agora estamos de volta à escola, mas infelizmente a crise ainda não acabou. O concerto da minha banda favorita foi cancelado, o festival da terrinha dos meus avós também, entre outras coisas às quais queria ir. O vírus ainda anda por aí e para ser franca, tenho medo.

Mas sei que melhores tempos virão. Enquanto isso, *stay safe* meus caros!

Ilustração: Liliana Afonso, 12º 2 B, Escola Secundária Braamcamp Freire

Confinamento

Com dezoito anos e hormonas aos saltos.

Guerras com pais tornam-se constantes.

Os dias tornam-se num lop infinito.

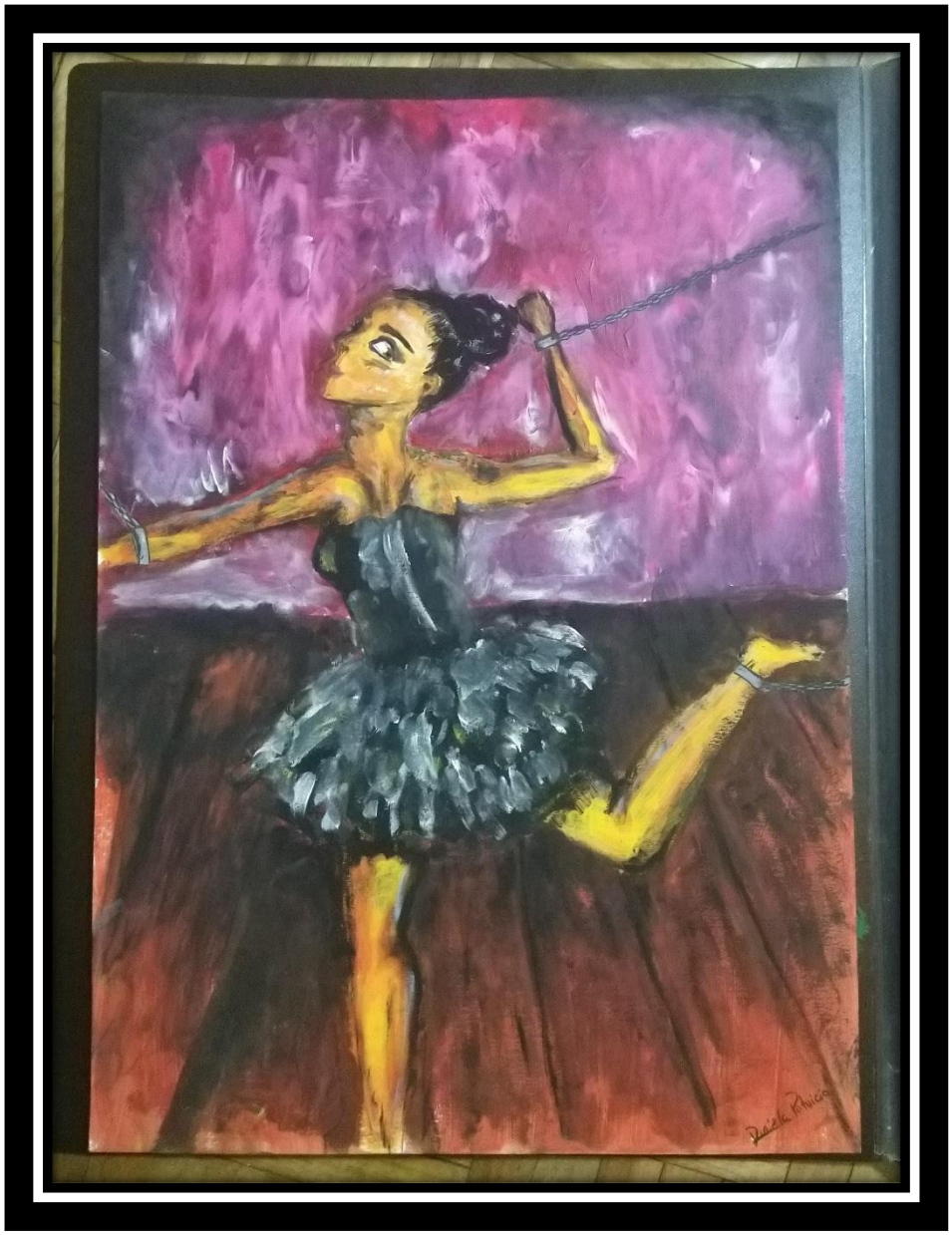
O desinteresse geral pelo que não nos dá prazer.

Gera críticas das mãos de quem nos alimenta.

A saturação do convívio entre quatro paredes com as mesmas pessoas.

Proporciona amplas saudades pelo local de ensino, onde o convívio e interação com o outro é essencial.

Ilustração: Daniela Patrício, 12º AV1, Escola Secundária de Caneças



Se não sonhássemos

Tenho lido bastante e num destes dias reparei numa frase de Saramago, “que seria de nós se não sonhássemos?”. De facto, o que seria? Sem este mundo paralelo, sem o seu lado criativo, o que seria do ser humano sem a arte? Com uma mixórdia de tentativas e competição de quem seria a pessoa mais produtiva nesta fase, agarramo-nos à arte. Consumir filmes, música, séries e ainda comédia, foi uma salvação.

Nesta ilustração represento um mundo paralelo imaginário e criativo, pois sem esta utópica porta de infinitas possibilidades que são os sonhos e a imaginação, que seria de nós?

Ilustração: Filipa Ramos, 12º AV1, Escola Secundária de Caneças

Foi ontem.

Foi ontem que vivemos automaticamente, sem dar valor às pequenas coisas da vida.

Foi ontem que íamos para a escola, para aquelas paredes e chão cinzentos que estavam cheias de cor sem nos darmos conta.

Foi ontem que tivemos o toque, a aproximação, as gargalhadas e a companhia uns dos outros, mas tudo mudou e então é hoje.

É hoje que não podemos abraçar.

É hoje que não podemos dar as mãos.

É hoje que damos valor ao ar que podíamos respirar todos os dias e que agora não o podemos fazer da mesma maneira e então desejávamos que não fosse hoje.

Era hoje que queríamos ir para as aulas.

Era hoje que queríamos estar cheios de exames e trabalhos.

Era hoje que gostávamos de apanhar o autocarro.

Era hoje que gostávamos de ir ao *Shopping* só para ver montras.

Era hoje que queríamos ir à praia.

Era hoje que queríamos poder estar com quem mais gostamos.

Mas não poderá ser hoje.

A única coisa que podemos fazer hoje é aprender a viver com a realidade que temos e a dar valor à vida que tínhamos antigamente e que isso mude alguma coisa na maneira como viveremos no futuro.

Ilustração: Helena Vitorino, 12ºAV1, Escola Secundária de Caneças

Texto: Marta Oliveira, 10ºLH3, Escola Secundária de Caneças

Lisboa, 17 de maio de 2065

Querido neto,

Estou a escrever-te para saber se te encontras bem. Como tem sido a universidade? Espero que te estejas a habituar. Todos sentimos muitas saudades tuas, em especial eu e o Blug. Chora todos os dias com saudades do seu fiel dono. Enfim… o objetivo desta carta é que durante os minutos em que estás a lê-la te possas distrair-te de todo o ambiente de pressão da faculdade e também aproveito para te contar algo de que nunca falámos. Na verdade, nem gosto muito de falar sobre isto, foi um período de extrema preocupação para a Humanidade e de muita escuridão para alguns, como por exemplo os que perderam os que mais amavam ou que passaram muitas dificuldades porque perderam os empregos. Apesar de tudo, penso que deves saber, pois fez parte dos "meus tempos".

Estávamos em pleno 2020. Todos andávamos preocupados com coisas que achávamos importantes quando na verdade nos esquecíamos do essencial. Andávamos nas nossas "vidinhas" sem nos preocuparmos com o outro que estava ao nosso lado. Muitos de nós andávamos numa correria de um sitio para outro como pequenas abelhas perdidas no mundo ou neste caso algumas ficavam perdidas no trânsito! De repente apareceu algo que mudou completamente as nossas vidas, parecia que estávamos a viver num mundo diferente ou que estávamos a viver algo que só nos sonhos pensávamos experienciar. Tudo mudou… e por causa de algo microscópico, um vírus!! Provavelmente já ouviste falar sobre o coronavírus ou covid-19 ou SARS CoV-2, havia tantos nomes que a memória já me falha! Pois agora tens oportunidade de ouvir como foi por uma pessoa que presenciou esta pandemia….

Sabes o que é chegar ao ponto de podermos ser mandados parar pela policia por simplesmente andar na rua? Ou tudo o que os jovens da tua idade gostam como festivais de verão, ser tudo cancelado…? Ou famílias que foram separadas por um dos membros ser profissional de saúde e não querer contagiar os que mais ama? Veres as ruas mais movimentadas da cidade desertas? Sabes o que isso é?! Foi muito complicado.

Quando tudo isto aconteceu eu era uma simples adolescente, continuei a ter aulas em casa, mas foi me privado aquilo que mais gosto, ver o mar e a minha família. Acho que na altura me adaptei melhor do que esperava, porque tinha a consciência de que saísse à rua nas alturas mais complicadas ou não usasse máscara era um ato contra a saúde comunitária. Apesar de tudo, isto teve uma vertente positiva. Estive mais tempo com a minha família e foi uma oportunidade para pensar e reorganizar as minhas prioridades.

Na verdade, queria aproveitar esta história para dar-te um conselho, pois acho que vai ser-te muito útil na tua vida. Quando pensares que está tudo mal ou que tens muitos trabalhos e ficas sem paciência ou em qualquer situação menos boa, pensa que existe alguém que está pior que tu. Se calhar essa pessoa até gostava de ter trabalhos para fazer, só não os faz porque não tem dinheiro para ir para a faculdade ou tem uma doença que não lhe permite ir às aulas. Sê agradecido por aquilo que tens todos os dias!

Bom… termino esta carta porque já está muito grande e duvido que leias tudo! Deixo-te um rascunho dum projeto de pintura que estou a fazer que também retrata um pouco os meus pensamentos durante a altura em que te falei nesta carta (tens uma avó muito prendada!).

Aguardo uma resposta e porta-te bem!

Muitos beijinhos,

Da tua "vó"

Ilustração: Marta Oliveira, 10ºLH3, Escola Secundária de Caneças

Banda desenhada: Sara Caçador, 7ºD, Escola Secundária da Ramada

TRIM!
TRIM!
DE
DIA
RTP:
#ESTUDO
EM CASA
E TODA A ROTINA REPETE-SE

VOU CONTAR A MINHA HISTÓRIA

Olá o meu nome é Luana, tenho 13 anos, estou no 7º ano, na Escola Secundária da Ramada, e vou contar como está a ser a minha história deste ano…

Eu vivo com a minha Mãe, com a minha Avó, com a minha cadela Kyara e os meus dois gatos, o Prince e a Princesa.

Tenho muitos Primos e Tios, estava habituada a estar com eles e a vê-los com frequência e o que mais me tem custado é não poder estar com eles e abraçá-los, mas hoje já me reconforta que me possam visitar, com os devidos cuidados.

Começo por dizer que me tem custado muito assistir a toda esta situação pelo mundo, mas a mim, concretamente, não tem custado tanto como vejo em algumas ou mesmo em muitas outras pessoas.

Primeiro que tudo, penso que se torna menos difícil para mim, porque na zona onde vivo, com familiares ou amigos meus, não aconteceu nada fatal, houve uma situação próxima, em que os meus primos perderam a avó com covid 19, foi triste, era mãe do meu tio, uma senhora já idosa, com outros problemas de saúde, mas eu não a conhecia muito bem, então, no geral, todos os que me são mais próximos estão bem graças a Deus.

Depois, porque passei no final do ano uma situação muito grave que me assustou e que me fez estar fechada dentro de um Hospital por dois meses, afastada de tudo e de todos.

Considero que afinal acabou por servir como se fosse uma preparação para esta pandemia, e, assim, consigo ver que afinal estar “fechada”, mas em casa, é uma dádiva, e não algo mau.

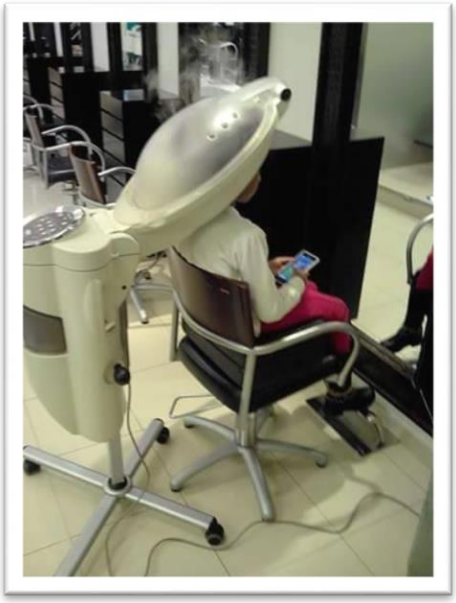
Tenho a sorte de viver numa vivenda com quintal, onde posso apanhar ar, sol, distrair-me a brincar com os meus animais, ou a apanhar fruta nas árvores.

Dentro de casa, tanto gosto de estar a jogar jogos de computador ou consola, como jogos de tabuleiro, cartas, vejo séries na tv assim como navego a ver coisas giras no telemóvel, gosto muito de pintar livros, toco piano e vou buscar novas letras para treinar, também danço, vou para a janela conversar com as vizinhas. Faço um pouco de tudo e o tempo tem passado bem para mim. Falta-me apenas a parte de poder andar de bicicleta que tanto adoro!

Considero também sorte a rua onde moro ser uma rua muito familiar, todos nos conhecemos desde a altura dos meus bisavós, e onde houve e há sempre atividade de janelas para janelas, brincadeiras, entreajuda com as compras (quem pode ir traz para quem não pode), existe fé, esperança e alegria. Tudo isto me tem ajudado imenso e acho que seria uma bênção se todas as pessoas pudessem viver numa rua como a minha, pois por aqui nestas alturas más os vizinhos são pilares uns dos outros.

Também não tenho estado sozinha, sei que os pais de alguns meninos necessitam de trabalhar e eles acabam por ficar sozinhos e aborrecidos, deve custar muito. Eu tenho tido companhia, além dos meus gatos e da minha cadela, da minha Avó que é reformada e também me faz companhia, e a minha Mãe deixou de ir trabalhar em dezembro para ficar a cuidar de mim até terminarem todas as minhas cirurgias, estamos sempre juntas e fazemos muitas coisas, em especial comida ☺!

Quanto à escola, quando saí do hospital no fim de fevereiro, pedi aos colegas os trabalhos atrasados, mas no início de março já teria de tomar coragem para ir para a escola com o meu cabelo mais de metade rapado e com um dos olhos meio fechado, o que me faria sentir muito mal ao passar por aqueles adolescentes todos, diariamente, pois sou uma rapariga adolescente, vaidosa. Gosto de ter o cabelo arranjado e custa-me estar assim, então mais uma vez vejo sorte por afinal termos tido de ficar obrigatoriamente a estudar em casa, pois já não tive de ir para a escola a sentir-me mal, aliviou-me imenso.



Acho que a telescola, em conjunto com as aulas síncronas e com os trabalhos que os Professores enviam, foi uma solução que nos ajudou muito, não deixou que perdêssemos a matéria nem que nos sentíssemos desamparados. Os professores foram sempre muito preocupados e prestáveis. Eu tenho conseguido acompanhar com vontade, ajudou-me talvez também o facto de eu ter estudado durante 4 anos em Ensino Doméstico, pois aprendi a fazer muita coisa em casa. A minha Mãe exigia um pouco de mim ao ensinar-me, com certas regras, trabalhos manuais, artísticos, imaginativos, quer fossem em computador ou fossem com simples cartolinas, passeios e jogos. Tudo servia para aprender. Hoje, então, noto que, “sem querer”, o Ensino Doméstico preparou-me também para uma situação destas. Por isso, esta situação não é estranha nem difícil para mim; tenho tentado acompanhar sempre com muito gosto e facilidade todas as tarefas propostas.

Há uma coisa que me tem custado, embora não seja minimamente grave, que é ter deixado de ir passear e comprar roupa aos centros comerciais. Adoro roupa, adoro ir escolher e comprar e foi estranho deixar de ir. Tenho feito compras na internet, e ainda vou continuar a comprar, mesmo depois das aberturas dos centros comerciais, porque é mais seguro por enquanto. Com o tempo logo se verá, devagarinho e com paciência.

Tenho muitas saudades das idas ao cinema. Adoro filmes e já ia sozinha com os colegas, o que achava o máximo e estou ansiosa para voltar a fazer isso. Penso que com as distâncias adequadas e a adaptação a todas estas mudanças obrigatórias, também isso se ultrapassará em breve!

A pandemia estragou-me também uma linda surpresa, pois a minha mãe conseguiu entrar em contacto com o meu cantor preferido. Ele ficou muito sensibilizado e quis conhecer-me, mas ficou a promessa de me vir visitar mais tarde e, mais uma vez, terei de pôr a minha paciência à prova e tenho fé que tudo irá acontecer.

Por vezes, na vida, temos de ter esperança, paciência e aprender a lidar com os obstáculos. A minha mãe diz-me sempre que “as coisas más existem e já sabemos que existem, mas vamos

sempre apoiar-nos nas boas e fazê-las prevalecer"! Sempre ouvi dizer que nas más alturas é que se vêm os amigos, que costumam ser poucos segundo se diz…. Posso dizer que, desde dezembro, quando entrei no hospital e depois saí e me deparei com o Covid 19, percebi que cerca de 99% das pessoas à minha volta me amam, sofreram comigo e me apoiam até hoje. Continuo a receber muitos mimos de muitas pessoas e de variadas formas. Gostaria imenso que todas as pessoas que estão a sofrer tivessem o apoio que eu tenho tido, e não gosto de ver, numa altura destas, lutas e confrontos.

Lamento todas as pessoas que perderam a vida, que lutam pela vida, o sofrimento dos familiares e amigos. Lamento as pessoas que perderam os empregos, as que vivem em más condições e desejo muita Força e Esperança a todos…

"VAMOS FICAR TODOS BEM"!

…. e um dia alguém dirá:

"A minha Avó passou por tudo isso, protegeu-se, lutou e Venceu"!

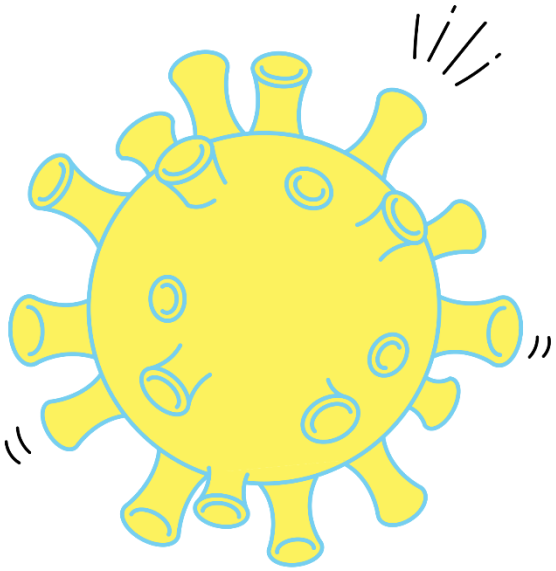
A coisa que não se vê

Foi numa segunda-feira de março
Que nos deram a novidade,
Ao ritmo do esquadro e do compasso,
Vamos aprendendo sem dificuldade.

A escola como a conhecíamos é uma miragem,
Todos sentimos a sua falta,
Esperemos que esta paragem
Reforce a amizade entre a malta.

As novas tecnologias
Dão uma ajuda preciosa,
Trazem-nos mais-valias
À poesia e à prosa!

Deixei de ir ao cinema
E fazer compras no centro comercial,
Por causa desta quarentena,
Estou em isolamento social.



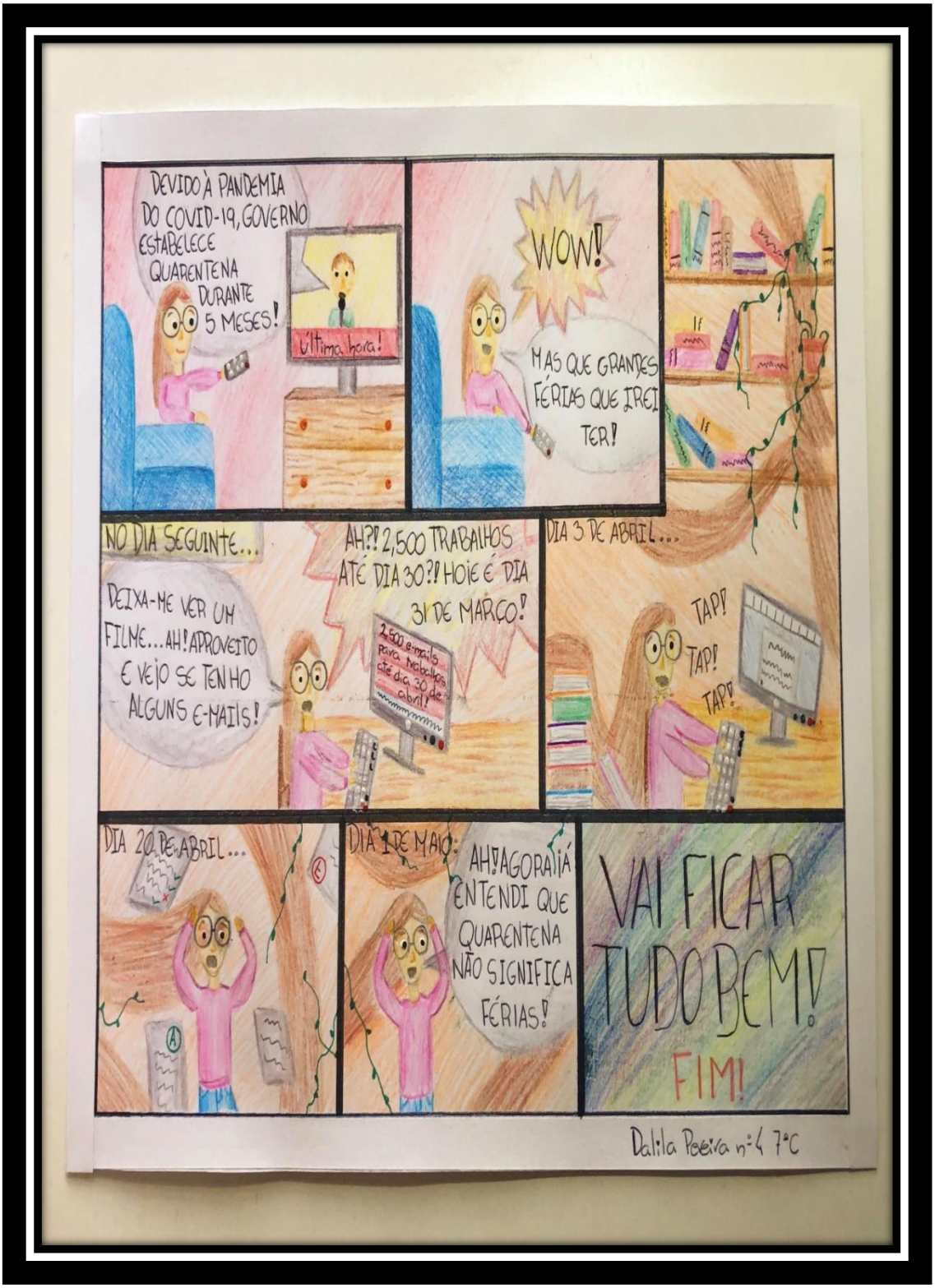
Quarentena

Durante a quarentena, já fiz de tudo! Já cortei o cabelo, já tentei aprender uma nova língua, já tentei cozinhar, já mudei o meu quarto, já comecei séries novas e já vi os mesmos filmes 20 vezes! Mas, ao ter de enfrentar esta quarentena, comecei a aperceber-me de imensas coisas que nunca me tinha dado ao trabalho de perceber. Reparei que gosto muito da escola e que preciso dela, reparei também que é muito difícil aprender à distância. Aperceber-me disso foi importante para mim, porque tinha a ideia de que aprender à distância e depois sair à tarde com os amigos seria fixe, mas isso não é verdade.

Agora sei que uma simples doença pode parar um mundo inteiro! Às vezes penso que momento da minha vida (adulta, adolescente, criança) seria o melhor para passar este período difícil. Já tive várias opiniões. Primeiro pensei que era melhor ser adulta, pois achava que era bom não ter preocupações, mas ao ver a vida dura que os meus pais estão a ter, perdi logo essa ideia. Depois pensei e se fosse criança? No início achei que não íamos ter mais aulas e que íamos descansar o tempo todo, mas depois apareceu a classroom, o meet e o zoom! Ainda bem, pois não queria ter estado este tempo todo sem aprender, e, outra vez, perdi essa ideia. Depois, cheguei à conclusão, ao ver as redes sociais, que o melhor tempo seria ter 20 e tal anos e viver das redes sociais, pois há sempre o que fazer. As redes sociais dão muito dinheiro a quem sabe o que está a fazer e a quem é famoso. Depois de pensar nisto tudo, percebi que tinha de passar a quarentena a ser esta rapariga do 7º ano que sou, o que adoro e que não saltaria este tempo por nada, porque não ia mudar a minha situação por pensar numa melhor.

Acho que a vida dos adultos está muito desequilibrada. É difícil para os operacionais de saúde exercerem a sua profissão todos mascarados e com todas as proteções, mas é o melhor para a sua segurança. Também é difícil para todas as outras pessoas que têm empregos, porque como não há condições estão a ser despedidas ou a ser mal pagas. Para mim, a quarentena foi boa porque eu pude experimentar muitas coisas novas e má, ao mesmo tempo, porque eu não vejo os meus amigos há três meses e porque gostava mais de poder sair à rua sem ter máscara e sem ter medo.

Banda desenhada: Dalila Pereira, 7ºC, Escola Secundária da Ramada



Texto: Iris Sousa, 11ºJ, Escola Secundária da Ramada

A Crónica do covid-19

COVID-19, um nome estranho até então nunca pronunciado, mas que passou a ser a letra das canções do dia-a-dia. Neste período difícil a população abstém-se de aproximações; abraços, beijinhos, festas e outros afetos que tanto preenchiam o vazio que sentimos cá dentro. Agora os abraços são as mangas das sweats a tocar na câmara do telemóvel e os beijinhos, uma sensação leve de toque e ternura mesmo à distância.

Estava uma vez na rua, no Largo da Escola Secundária da Ramada e apercebi-me da quietude, quase uma solidão que envolvia o espaço à minha volta. Uma simples pessoa na esplanada, outra encostada à entrada e até os carros, quase que em sintonia com a lentidão, se reprimiam do excessivo barulho. Era tudo quieto. Só eu, os porteiros de máscaras e luvas, e a garrafa do desinfetante que olhava para mim com súplica para que lhe carregasse. Subi a rampa, e senti que eram férias de verão de novo, até me aperceber que tinham acabado os banhos longos, a areia nos pés, e a dificuldade em pôr creme depois de um escaldão e até mesmo o dia das compras de verão.

É claro que nem tudo estava perdido, havia sempre os anos seguintes, mas a incerteza essa sim perdia-se no olhar de cada um. Encarámo-nos todos com ar de estranheza, mas rimos brevemente. Entrámos na sala e a distância e solidão abraçavam cada cadeira e mesa, que mesmo apenas a um metro e meio de distância, pareciam anos-luz. A professora estava com a máscara e visivelmente incomodada por ter aquele elemento estranho a prendê-la de falar e de se expressar. Era assim. E mais não podia ser. A aula estava a correr bem e todos se adaptavam àquela nova maneira de ensinar, aos poucos, mas eu parecia estar mais preocupada em ganhar visão raio x para perceber se alguém à minha volta tinha mesmo aquela *bicheza*. Um vírus que ataca o sistema respiratório e que destrói os pulmões em 2 dias, diziam… E eu acreditava com todas as minhas forças. A aula prevenia os nossos cérebros de desviarem a sua atenção para o fenómeno, e até resultava por breves instantes, mas era um stresse. O sentimento de “se eu me chegar mais um centímetro, apanho!”, a constante dúvida e paranoia mantinham-nos lúcidos da realidade. Mesmo assim falávamos com aparente alegria e contávamos novidades de quarentena numa espécie de tertúlia pós-confinamento.

Finalmente cheguei a casa, tomei banho, lanchei e relaxei um pouco. Sendo que, tomar banho parecia uma tarefa sem fim, uma vez que tinha de desinfetar peça por peça aquilo que utilizei na aula, há umas horas atrás. Uma coisa era certa, aquele cheiro nauseabundo a lixívia encheu os meus pulmões, que instantaneamente me sussurraram “credo” e ao que eu respondi “vão-se habituando”. Chegou a hora de refletir sobre o dia e percebi que mesmo assim, a *bicheza* permitiu que estivéssemos todos juntos por breves instantes e ridiculamente quase me senti no

dever de dizer “muitíssimo obrigada”, contudo, contive-me. Nem tudo sobre o fenómeno era mau; o planeta estava a fazer uma “ufa” de alívio pois a dita *bicheza* (como gosto de lhe chamar) decidiu dizer “Fiquem todos em casa!”, fazendo os níveis de poluição baixarem significativamente. A esta hora até a Amazónia lhe agradecia e festejava com ela, o confinamento do segundo fenómeno- a raça humana.

A ida à escola era relativamente segura, desde que as medidas de segurança fossem cumpridas, contudo, havia ainda alunos que não consideravam a crise vigente um motivo maior de preocupação. Digo ainda, que, quase estive para suplicar que fizessem o obséquio de se afastar pelo menos 50 metros de mim, como se 2 metros não fossem o suficiente:

- Isto não me mata, o que me mata é não sair! - disse um.

- Eu sou imune! - disse outro para o ar. Ar esse que curiosamente levou a frase até mim e me fez pensar “É imune ao COVID, mas à falta de bom senso, julgo que não.”.

Enfim, tudo era feito à distância, mas os pensamentos e almas estavam sempre próximos. As saudades ficavam, mas também ficava outra coisa muito importante - o valor da vida. Foi isso que percebi, analisando a minha simples rotina que, mesmo sendo muito monótona, era uma montanha russa de emoções e pensamentos. Com uma *história* destas aprendi ainda mais a valorizar a vida e a perceber que mesmo sós, estamos juntos e que não devemos, em situações onde a Razão deve prevalecer, deixarmos que as emoções nos invadam.

No fundo, não levo isto como uma fatalidade no seu todo, mas como uma lição para a humanidade: antes todos comíamos juntos à mesa, víamos TV, jogávamos, líamos juntos e contávamos histórias como esta, mas agora…. Agora todos se distraem com telemóveis, tablets e ainda é capaz de haver um lugar no sofá aí de casa, especialmente para o computador. Todos somos um, mas hoje em dia essa consciência coletiva existe com um desfasamento em relação ao seu ideal, parece que já não nos encaramos como humanos, mas sim como “coisas” que respiram. Devemos valorizar mais o indivíduo, pois mesmo com máscaras, vitrinas de acrílico, luvas e distanciamento social, o nosso espírito é livre para comunicar com os outros e para sentir que também eles são humanos e nos apoiam, é essa a parte bonita que envolve o ser humano.

Ilustração: Iris Sousa, 11ºJ, Escola Secundária da Ramada

O covid e a sociedade

Todos sabemos que diversas famílias no mundo tomaram decisões que sacrificaram o seu bem-estar devido a uma pessoa a que os adultos chamam “paciente zero” e que desenvolveu um vírus mortal, provocando uma pandemia por todo o globo terrestre. O que a maioria de nós não sabe, é qual é a relação que cada um dos indivíduos está a ter com o covid. Para responder a essa questão resolvi partilhar os meus pensamentos... dizer o que eu penso sobre o que cada faixa etária está a fazer, pensar e, claro, quem está a arreliar desta vez (discurso indireto para: crianças).

Vou começar por falar sobre os meninos e meninas, a quem os adultos mal-humorados chamam ‘os fedelhos’, ou como eu gosto de os designar, as crias mais pequenas dos seus pais ou pequenos humanos. Bem, os pais destes pequenos humanos, como todos nós podemos calcular, depois de passarem dias a fio com os seus filhos já estão mais desvairados do que alguém que vê um pássaro durante a quarentena, por ser o primeiro ser vivo que vê em dois meses, especialmente os adultos com mais de um filho, os estudos em casa, a comida..., etc.

O que eu estou a tentar dizer é que penso que os adultos e as crianças, estão a viver num ambiente de confusão, cansaço, stress e que por isso basta um dizer ‘olá’ ao outro para que apeteça arrancar-lhe a cabeça. Acho que bebés e graúdos confinados já estão tão cansados de fazer colares de massa, ouvir músicas educativas e fazer pinturas com os dedos, mãos e pés, e os miúdos estão num ponto tão alto de aborrecimento que até já arreliam os pais de propósito e choram porque deixaram cair o lápis de cor com que estavam a desenhar um arco-íris sob a frase “vai ficar tudo bem”.

Falando sobre a faixa etária acima, em termos de idade, claro, à já referida…. pausa dramática… - os ADOLESCENTES, sim, os TERRÍVEIS ADOLESCENTES (como os, de novo, mal-humorados adultos se expressam)! Ou como eu os gosto de chamar, crianças com a mesma mentalidade de humanos pequenos só que com uma altura superior a estes. Bem! com os meus treze anos ainda não me considero uma adolescente, talvez o faça quando passar da marca dos trinta anos, mas mesmo assim posso identificar-me com eles, pelos vistos todos os estudantes do décimo primeiro ano para baixo têm, na prática, os mesmos medos e atitudes quanto à escola - todas as semanas temos medo e o cuidado de enviar um e-mail à Professora de Português, por exemplo, revê-lo pelo menos cinco vezes por causa dos possíveis erros ortográficos, medo que as notas finais baixem, descobrir mais todas as semanas sobre a casa onde os Professores vivem e as suas coleções de livros, chegar ao final da semana e perceber

que todos os Professores têm estantes de livros atrás de si quando fazem as tais vídeo-aulas. E é assim o resto do nosso ano, acordamos às oito da manhã por causa de uma vídeo aula que vamos ter às nove porque temos um Professor matinal, comemos, aulas online, aulas online e mais vídeo aulas, fazer trabalhos, estudar, comer, estudar, descansar, comer e dormir, acho até que alguém deveria fazer um merchandise sobre isso, ou talvez um slogan, imaginem só: "Acordar, Comer, Estudar, Comer e Dormir", todos na vertical, como um mantra, e em letras "Bold", como o Professor de T.I.C. nos ensinou ou, se são mais casuais, a negrito, em branco com um fundo vermelho (agora que penso, parece o tipo de imagens que a minha mãe aprovaria com o seu polegar para cima no "Facebook" ou "Pinterest").

Eu sei que os alunos também passam por muito stress e cansaço, mas acho que os Professores passam por ainda mais stress e cansaço. Imaginem ter mais de duzentos alunos para ensinar, escutar e aturar! Como têm mais alunos e turmas também têm mais aulas online e trabalhos para corrigir e ainda têm de aturar miúdos preguiçosos a queixar-se quando mandam uma ficha por semana para fazer. É por isso que os venero muito, admito que, às vezes, são demasiados trabalhos porque ao fim ao cabo tenho doze disciplinas para as quais tenho de fazer trabalhos todas as semanas e que às vezes fico com uma relação não saudável com a escola; é claro que não preciso de calcular x de y quando for ao supermercado, mas também nunca me esqueço o que a minha Professora do quarto ano citou de alguém sábio e famoso: "A educação é a arma mais poderosa que podes usar para mudar o mundo". Até hoje, estou de acordo com isso e ao longo dos meus anos de escolaridade apercebi-me que existem dois tipos de alunos: os que querem pôr a escola a arder e os professores na cadeia e os que realmente se esforçam e com isso contribuir para mudar algo para melhor neste mundo.

Agora, os adultos, mais especificamente os jovens adultos que moram sozinhos e cujas aulas da faculdade foram adiadas e que tiveram e ainda têm uma convivência difícil com a quarentena e com o covid. No início, tiveram o surto da comida, começaram a comer o que quisessem e quando quisessem, ninguém estava ali para os culpar! Depois, como já estavam fartos de comer e ver televisão começaram a ficar aborrecidos e a pesquisar "vídeos de coisas para fazer na quarentena quando estás aborrecido". De seguida, começaram a aperceber-se que tinham de ir ao supermercado, pois não podiam continuar a comer sopa enlatada. Então colocaram um lenço a tapar a boca e o nariz, até parecia que estavam prestes a roubar um banco ou a furtar um idoso, e agora, nesta fase, aperceberam-se que têm de começar a ser saudáveis, que podiam utilizar o tempo de quarentena para melhorar o seu estado físico e agora, aqui estão eles, a tentar sair da quarentena como Cleópatra quando recebia visitas, esbelta e maravilhosa.

Por último e finalmente (ou infelizmente), chegamos à última faixa etária, pessoalmente a minha favorita, os idosos!!! Os idosos, ah os nossos estimados e prezados idosos, eles são tão fofinhos e queridos e bem... FOFINHOS. A relação que os idosos têm com o covid é complicada, enredada e mista, é como a relação que um gato tem com um cão, às vezes têm medo um do outro, depois um persegue o outro, mas depois aprendem a conviver um com o outro, de forma separada. Quando vejo as notícias (muito raramente pois são demasiado assustadoras e

exageradas), percebo que sempre entrevistam idosos, perguntam-lhes a sua opinião sobre o covid. É claro que não dá bom resultado: primeiro, têm quase sempre a máscara mal colocada, ou só está a tapar a boca ou só está a tapar o nariz (também não os culpo), pois nunca utilizaram ou colocaram uma máscara desde o dia do seu nascimento - até já vi presidentes e políticos a colocarem-na incorretamente! Segundo, entrevistam sempre idosos muito sérios e digamos que resmungões, eles devem pensar entre si "qual deles é que tem cara de ser resmungão?" e depois escolhem o mais sério e mal-humorado para falar sobre o covid e é claro que, de novo, não dá bom resultado.

Fico sempre com uma cara séria a olhar para o televisor e a pensar quando é que poderei ir à rua outra vez sem ser medrosa. Normalmente são os meus pais que vão à rua fazer compras para alimentar as nossas bocas e coisas do género, mas posso dizer que é especialmente o meu pai que nas filas é ultrapassado por idosos que, pelos vistos, não sabem as regras de cada estabelecimento como tirar senhas e, estando três pessoas no talho, ter de esperar fora do estabelecimento ou, então, ultrapassam toda a gente sem ser por mal (o meu pai chama-lhes logo a atenção e explica-lhes tudo pelo caminho; a minha Mãe, por exemplo, já ensinou uma senhora com muita idade a colocar uma máscara corretamente, pois tinha os óculos embaciados uma vez que não tinha ajustado bem a máscara no nariz. Os idosos que eu gosto e conheço, aceitam bem isso, mas depois existem os tais idosos que ignoram e não querem saber da opinião de ninguém e das ordens de ninguém, tal como os adolescentes! Os meus pais também telefonam às minhas avós, todos os dias, para saber como estão e ambas estavam proibidas de sair até há pouco tempo...ainda hoje a minha Mãe entrega a alimentação que a minha avó materna precisa. Ambas têm a mesma obsessão, ver as notícias a toda a hora ou como os mais modernaços dizem 24/7. Pessoalmente, uma das piores coisas que os idosos podem ver durante esta pandemia são os canais com noticiários, pois ampliam sempre o assunto para o pior. Não é que ver notícias seja uma coisa má, também é importante saber o que acontece no mundo e ficar informado(a), mas vê-las a cada hora do dia, deixa uma pessoa paranoica e depois lá estão elas a falar sobre o que viram na televisão e as péssimas coisas que estão a acontecer.

Para terminar este meu simples texto a exprimir os meus pensamentos, queria apontar que me apercebi que independentemente da faixa etária a que pertencemos, estamos todos a passar pela mesma situação, estamos todos limitados aos mesmos temas e pessoas. Já reparei que certas pessoas já estão a voltar à sua vida normal, aos poucos, espero e digo eu, algumas não seguem isso, pois claro, somos todos diferentes (mas preferia que não colocassem ninguém em perigo, não é pessoas a comer peixe cru cheio de bactérias? (veem já aprendi que peixe cru, mesmo quando tratado, contém bactérias! Quer dizer já sabia, mas era só para vos impressionar)!

Ilustração: Rafael Carvalho, 11ºJ, Escola Secundária da Ramada

Texto: Madalena Martinho, 7ºD, Escola Secundária da Ramada

Tempos de pandemia…

Como é que um vírus consegue alterar tanto as nossas vidas?

É a pergunta que nos vem tantas vezes à mente. Primeiro pelo medo, depois por uma questão de respeito por nós, pelos que mais amamos, pelo futuro da humanidade. Se fiquei contente com as mudanças? Não… Deixei de visitar a minha família, deixei de estar com os meus amigos, deixei de ir à escola, deixei de estar com os meus professores.

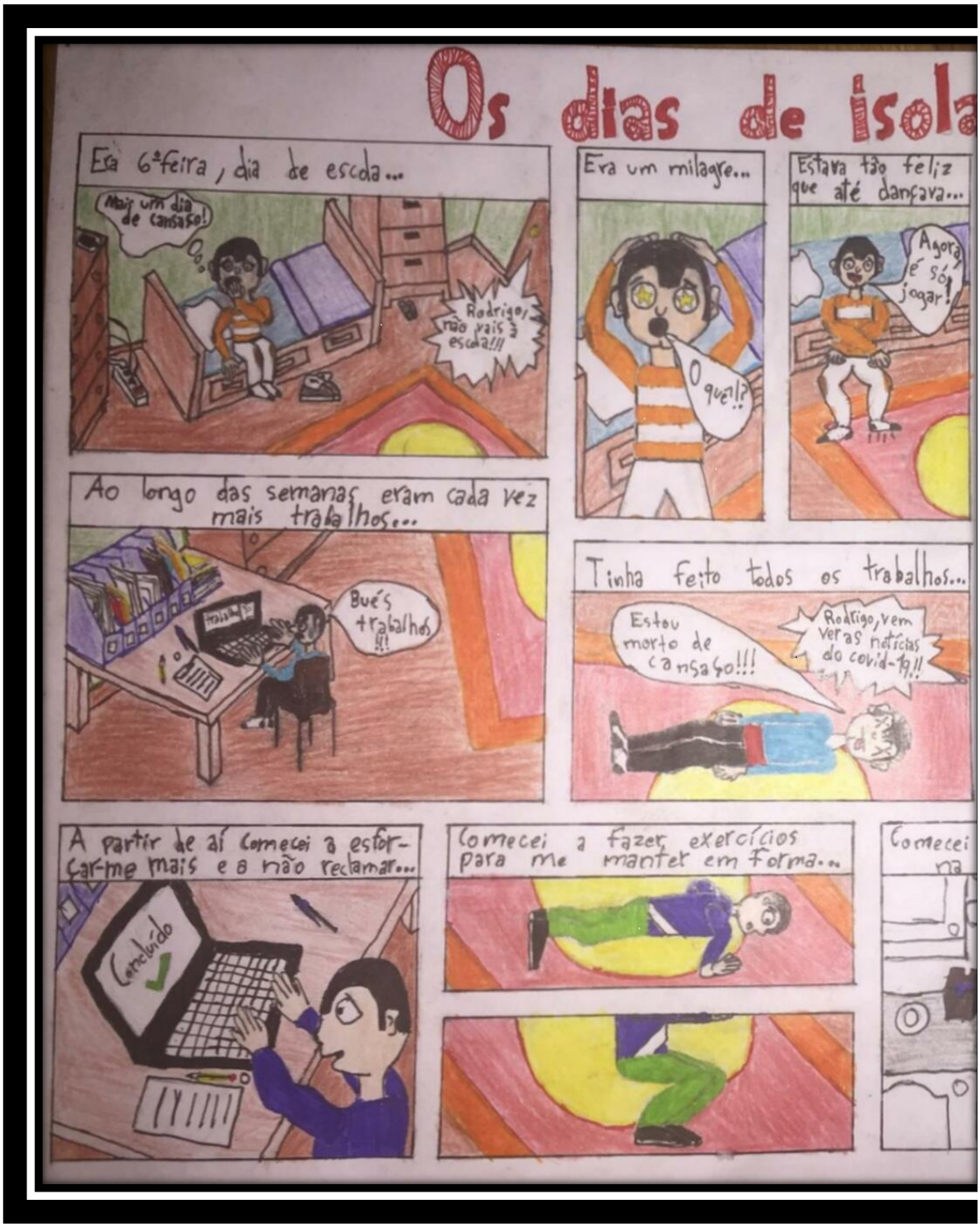
Os dias foram passando, descobri uma nova forma de aprender, mas confesso que não gosto. Até nem me posso queixar muito! Estive com os meus pais em casa, que me foram ajudando, falei com os meus professores pelo computador e com os amigos. Mas confesso, sinto a falta dos risos, das brincadeiras e mesmos das nossas tontices.

Consegui, ao contrário de muitos meninos, estar com uma das minhas avós…foi menos uma preocupação cá em casa.

O meu tempo, quando não estava preocupada em não falhar com a escola, foi aproveitado para ir vendo algumas séries na televisão e ler alguns livros.

Confesso que o que menos gostei foi o facto de os meus pais estarem muitas horas no computador a trabalhar, principalmente a minha mãe. Hoje está tudo mais calmo e acredito que todos nós iremos aprender uma lição com tudo isto, nem que seja para percebermos que todos necessitamos uns dos outros e nos devemos tornar mais humanos.

Banda desenhada: Rodrigo Silva, 7ºD, Escola Secundária da Ramada



lamento
Rodrigo Silva-nº20-7ºD
Escola Secúndaria da Ramada
A jogar...
Dispara dispara!
Na 2ºfeira, de repente...
Rodrigo vai ter aulas virtuais
Não...
A ver as notícias sobre o covid-19...
Já há mortos e bués infetados e estou para aqui a reclamar que tenho muitos trabalhos!!!
ecei a ajudar mais na cozinha...
E comecei a jogar menos vezes...
E estes foram os meus dias...

Uma História Viral

Finalmente, chegou o regresso às aulas e, como nunca, estavam entusiasmados com o reencontro.

Almoçaram no Asterisco para celebrar estarem novamente juntos.

Sentaram-se à mesa e falaram de tudo o que fizeram naqueles meses, mas o André e a Mafalda estavam distraídos.

- André, o que fizeste nas férias?

- Chiu!

Perceberam que estavam a ouvir a conversa de dois senhores.

- Sabem o que é um pangolim? Vão trazer um para o Zoo!

A Ana pesquisou e partilhou a descoberta:

- É o primeiro animal infetado com Covid-19!

Empolgados, perguntam à professora de CN se podia organizar uma visita ao Zoo.

- Mas está fechado...

Nessa altura, passa junto à janela o jardineiro da escola - o sr. Alberto - e diz à professora que ao sábado trabalha nos jardins do Zoo e podia levá-los a ver o pangolim. A professora aceita a sugestão.

No autocarro, conhecem a motorista, sra. Alberta, mulher do jardineiro.

No Zoo, dirigem-se ao pangolim:

- Por que é que está enrolado e a deitar líquido?

A professora, intrigada, diz não ser comum.

- Terá a ver com o vírus?! - pergunta a Lara.

- É possível, mas é melhor falarem com a professora de FQ, que trabalha no Instituto Ricardo Jorge, na investigação de uma cura.

- Trabalho lá aos domingos. Querem ir? - pergunta o jardineiro.

- Sim! - responderam.

- É impossível organizar uma visita de um dia para o outro! - diz a professora.

O Joel sugere falar com o jardineiro.

- Eu vou! - diz o Graça.

Combinam a ida ao laboratório.

Lá, encontraram a professora à entrada, muito surpreendida ao vê-los.

- Vimos o pangolim no Zoo; liberta uma substância anormal entre as escamas e pensámos analisá-la para inibir a mutação do vírus.

Chefiando o projeto da cura, a professora informa que vai investigar a substância com a equipa.

Após muitos dias de pesquisa, o Gui vê na TV uma homenagem à professora pela descoberta da vacina da cura e avisa a turma no Whatsapp. Em direto, a professora agradece ao 7.º B, que lhe deu a chave para a descoberta, e todos se alegram por terem contribuído.

Ilustração: Turma 7ºB, Escola Básica Vasco Santana

Alunos autores das histórias e ilustrações:

Agrupamento de Escolas Braamcamp Freire

- Escola Secundária Braamcamp Freire

  Márcia Preto, 8º1
  Lara Santos, 8º4
  Jamily Machado, 8º7
  Beatriz Cruz, 8º7
  Filipa Martins, 8º7
  Luís Santos, 8º7
  Daniela Tibúrcio, 8º8
  Beatriz Martins, 11º1
  Inês Luís, 11º1
  Inês Santos, 11º1
  Joana Fonseca, 11º1
  Miriam Mealha, 11º1
  Sofia Gomes, 11º1
  Sandra Singh, 11º1
  Liliana Afonso, 12º2B

- Escola Básica da Pontinha

  Gonçalo Pais, 5ºA
  Diana Ramalho, 5ºA
  Erico Janeiro, 5ºA
  Francisco Almeida, 5ºA
  Iara Vidal, 5ºA
  Tomás Lopes, 5ºA
  Érica Tavares, 5ºE
  Beatriz Cachaço, 7º A
  Sofia Lopes, 7ºA
  Beatriz Amado, 7ºC
  Gabriel Silva, 7ºC
  Mariana Guerreiro, 7ºC
  Simão Almeida, 7ºC
  Manuela Silva, 7ºD
  Celina Tavares, 7ºI
  Marta Martins, 7ºI
  Letícia Sousa, 7ºJ

Diana Esteves, 7ºJ
Victor Ivanov, 7ºJ
Oumou Diallo, 7ºJ
Maria Domingos, 7ºJ
Rodrigo Andrade, 7ºJ

- Escola Básica Mello Falcão

1ºB
Beatriz Ramos, 1ºB
Carlota Chambel, 1ºB
David Rodrigues, 1ºB
Elaine Lázaro, 1ºB
Enzo Garcia, 1ºB
Gabriel Fernandes, 1ºB
Inês Albino, 1ºB
João Teixeira, 1ºB
Luís Alves, 1ºB
Matilde Rodrigues, 1ºB
Martim Cardoso, 1ºB
Rodrigo Amarante, 1ºB
Rodrigo Machado, 1ºB
Tiago Oliveira, 1ºB

Agrupamento de Escolas de Caneças

- Escola Secundária de Caneças

Daniela Patrício, 12ºAV1
Filipa Ramos, 12ºAV1
Helena Vitorino, 12ºAV1
Marta Oliveira, 10ºLH3

Escola Secundária da Ramada

Joana Prates, 7ºC
Luana Galeano, 7ºC
Lara Silvestre, 7ºC
Iris Sousa, 11º J
Dalila Pereira, 7ºC
Daniela Roberto, 7ºA

Sara Caçador, 7ºD

Rafael Carvalho, 11ºJ

Rodrigo Silva, 7ºD

Madalena Martinho, 7ºD

Agrupamento de Escolas Vasco Santana

- Escola Básica Vasco Santana

  7ºB

  Ana Catarina Teixeira

  Daniela Tibúrcio

  Francisco Campos

  Joana Ideias

  Joana Ribeiro

  João Coutinho

  Lara Ramos

  Rodrigo Ferreira

Professores que colaboraram no projeto:

Isabel Antunes, Coordenadora das Bibliotecas do Concelho de Odivelas

Susana Veiga, EB Mello Falcão

Evangelina Tomás, EB da Pontinha

Sofia Miranda, EB da Pontinha

José Machado, EB da Pontinha

Rosário Duarte, EB da Pontinha

Isabel Henriques, AE Braamcamp Freire

João Aido, AE Braamcamp Freire

Maria de Fátima Pinto, AE Braamcamp Freire

Maria de Lurdes Cardoso, AE Braamcamp Freire

Maria João Freitas, AE Braamcamp Freire

João Nuno Machado, AE Caneças

Cecília Martins, AE Caneças

Sofia Saraiva, AE Vasco Santana

Carlos Pascoal, Escola Secundária da Ramada

Ficha Técnica:

Edição:

Divisão de Cultura e Turismo/ Câmara Municipal de Odivelas

Direção do Projeto:

Helena Jardim

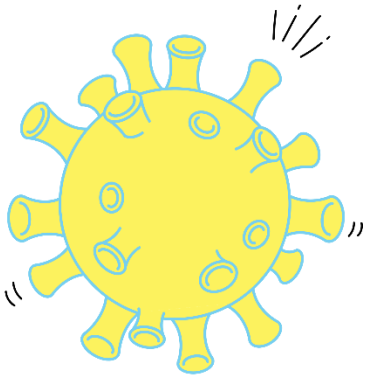
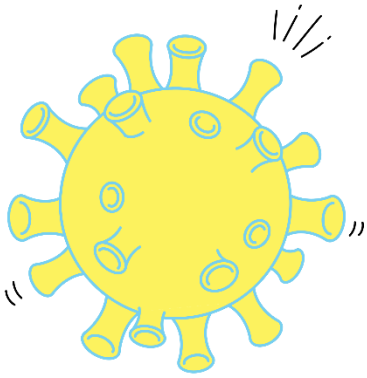
Coordenação do Projeto:

Ana Cristina Oliveira

Revisão:

Ana Luísa Ventura

Margarida Carvalho

Artes Gráficas:

Gabinete de Comunicação, Relações Públicas e Protocolo